



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

ROSEMARI ADÃO

UM ESTUDO PSICANALÍTICO: AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO

Palhoça

2010

ROSEMARI ADÃO

UM ESTUDO PSICANALÍTICO: AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Ana Maria Pereira Lopes

Palhoça

2010

ROSEMARI ADÃO

UM ESTUDO PSICANALÍTICO: AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em Psicologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 21 de junho de 2010.

Prof.^a e Orientadora Ana Maria Pereira Lopes
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof.^a Tânia Vanessa Mascarello
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof.^a Zuleica Preto

*A Ronaldo Reginaldo, aos meus filhos
Gisandro George Adão Reginaldo e Paula
Adão Reginaldo, que contribuíram para meu
crescimento como pessoa, esposa e mãe.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Marcos Francisco Adão e Elza Zeferino Adão (*in memoriam*) sempre serão os protagonistas principais da minha história de vida.

Aos meus irmãos, Pedro, Nelsa, Alcídio, Santilha, Ivonete, Ercídia, Miltom, Valdéria, Sandra e Jonas pelo incentivo e compreensão, amo vocês.

Ao meu esposo Ronaldo, pelo incentivo, companheirismo, e compreensão pelos vários momentos que estive ausente durante a minha trajetória acadêmica, e sempre será importante na minha história de vida.

Aos meus filhos, Gisandro e Paula, que muito me ensinaram a ser a pessoa que sou e por compreenderem a minha ausência, obrigado por vocês fazerem parte da minha vida.

À Daiana Mara Farias, por fazer parte de minha família de forma muito especial.

À Joseane da Silva, pelo companheirismo, colaboração e pela dedicação.

À professora orientadora, Ana Maria Pereira Lopes, pelo acolhimento e pelo apoio na elaboração do meu trabalho de conclusão de curso.

À banca examinadora, Prof.^a Tânia Vanessa Nothem Mascarello e Prof.^a Zuleica Preto.

À Prof.^a Tânia Vanessa Nothem Mascarello, pelo apoio e dedicação e não mediu esforços para transmitir seus conhecimentos para meu aprendizado na clínica escola.

Às amigas, que caminharam, acompanharam e me incentivaram em muitos momentos na longa jornada da Graduação, Fernanda Teodoro, Luciane Maria Dacol Molim, Hortência Tayer, Liliane Baião Silveira, Ana Claudia Mello, vocês participaram de minha vida de forma muito especial.

À Prof.^a Gabriela Luiza Campos, pelo apoio, carinho e dedicação na orientação durante o estágio específico na Saúde Mental.

A todas (os) que de alguma forma fizeram parte da minha vida na trajetória acadêmica, e contribuíram para meu crescimento e aprendizado nesta longa caminhada.

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro.

Sigmund Freud, 1927-1931.

RESUMO

A presente pesquisa refere-se a aspectos da constituição do sujeito a partir da história de vida de Afonso Henriques de Lima Barreto, literato brasileiro, autor de várias obras, como **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Utilizando-se da teoria psicanalítica, o trabalho teve como objetivo identificar aspectos relativos à constituição da subjetividade do referido literato. Para que este objetivo fosse alcançado, a metodologia contou com a coleta de dados na obra **Diário íntimo**, do mesmo autor, com apoio da biografia **A vida de Lima Barreto**, de Francisco de Assis Barbosa. O trabalho é classificado como pesquisa exploratória e qualitativa por meio de pesquisa bibliográfica. Utilizando-se da História de Vida articulada à Interpretação Hermenêutica, foi realizada a análise de dados. Os dados coletados foram organizados, em um primeiro momento, em temas e sub-temas que atendessem aos objetivos da pesquisa, analisando-os e articulando-os ao referencial teórico psicanalítico, organizado para o estudo. Entre os resultados alcançados, o que primeiro que salta à vista na leitura do **Diário íntimo** é a sua capacidade e dedicação à produção. Isto em uma compreensão psicanalítica pode ser compreendido, em uma primeira perspectiva, como sublimação. Contudo, um contato mais próximo com os dados permite uma riqueza de compreensão do modo como o literato se relacionou com situações muito específicas que tiveram reflexos em sua vida e obra. Tais situações se referem à perda da mãe na infância, dificuldades financeiras, indignação perante a realidade da época, relação com os irmãos e outros. Conclui-se que a leitura psicanalítica de dados biográficos permite uma rica visibilidade dos processos que constituem um sujeito e as relações com as suas obras.

Palavras-chave: Lima Barreto. Psicanálise. Constituição do sujeito.

Núcleo Orientado: Psicologia e Saúde

Orientador: Prof.^a Ana Maria Pereira Lopes

Membros da Banca examinadora: Tânia Vanessa Mascarello, Prof.^a Zuleica Preto

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Genograma.....	19
Figura 2 – Esquema constitucional.....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os dez transtornos mais frequentes na população masculina.....	12
Tabela 2 – Temas e sub-temas.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 TEMA.....	10
1.2 PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA	10
2 OBJETIVOS	17
2.1 OBJETIVO GERAL.....	17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
3 MARCO TEÓRICO.....	18
3.1 DADOS BIOGRÁFICOS DE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO	18
3.2 TEORIA PSICANALÍTICA E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	32
3.2.1 Os impulsos, a fixação e estruturação do sujeito	32
3.2.2 O desenvolvimento da função sexual e a estruturação do sujeito	36
3.2.3 Psicopatologia psicanalítica, neurose, psicose e perversão	41
4 MÉTODO	48
4.1 CARACTERIZAÇÕES DA PESQUISA.....	48
4.2 FONTES DE INFORMAÇÃO	49
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	53
5.1 LIMA BARRETO, O PRODUTOR LITERÁRIO.....	53
5.2 A VIDA DOMÉSTICA DE LIMA BARRETO.....	57
5.3 O OLHAR DE LIMA BARRETO PARA O COTIDIANO E A POLÍTICA.....	61
5.4 A VIDA ÍNTIMA DE LIMA BARRETO.....	66
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

Este estudo refere-se ao projeto de pesquisa da disciplina de Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia da Unisul. O objetivo é articular as atividades desenvolvidas durante o Estágio Específico em Psicologia, vinculado ao Núcleo Orientado em Psicologia da Saúde e ao Projeto Time da Mente, e realizado no Programa de Saúde Mental (PSM), no bairro Bela Vista, no município de São José (SC), e no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II), localizado no município de Palhoça (SC). Considerando a experiência nesses campos de estágio, entende-se ser importante investigar de que modo se estrutura o sujeito segundo a Psicanálise, visando assim, ampliar por meio desse conhecimento, que é fundamental no campo da Psicologia, subsídios para aptidão e segurança no exercício da profissão de Psicólogo junto às demandas existentes na sociedade.

Deste modo, esta pesquisa se propõe a estudar a estruturação do sujeito, levando em consideração que na realidade local do campo de estágio a demanda advém de sujeitos com sofrimento psíquico. A pesquisa foi realizada por meio de dados biográficos, e o estudo teve como objetivo identificar pontos que remetem à estruturação do sujeito a partir do estudo sobre a história de vida do literato Afonso Henriques de Lima Barreto, que se destacou no cenário brasileiro escrevendo romances e crônicas no século XX, nascido aos treze de maio de 1881 e morreu no dia primeiro de novembro de 1922 com quarenta e um anos de idade.

1.1 TEMA

Psicanálise e constituição do sujeito.

1.2 PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA

De acordo com Ribeiro (1996), os conceitos de Saúde Mental têm sofrido transformações ao longo da história conforme a ciência evolui, distanciando-se do conceito da Psiquiatria tradicional. Nos dias atuais, o conceito de Saúde Mental é amplo e abrange outras áreas de conhecimento, não sendo considerado mais o doente mental como alienado. Ribeiro ressalta que alguns autores associam a “ausência de doença mental a um estado caracterizado por ajustamento, orientação produtiva e entusiasmo”. Sendo assim, é relevante acrescentar o

que Puel e outros (1997) afirmam que o parâmetro para definir se uma pessoa sofre de Transtorno Mental é a sociedade, ou seja, são as normas ou valores que determinam se a pessoa está dentro do normal ou do patológico, ficando claro que os comportamentos ou formas de agir do sujeito com Transtorno Mental divergem da maior parte dos comportamentos mais comuns na sociedade, sendo isso o que determina a “loucura”. Puel e outros (1997, apud SZASZ, p. 31) destacam que “quando as pessoas desempenham de forma apropriada seus papéis sociais – em outras palavras quando correspondem adequadamente às expectativas sociais – seu comportamento é considerado normal [...]”.

Ribeiro (1996, apud CHAPLIN, 1981, p. 517) afirma ainda que a Saúde Mental é conceituada como uma condição agradável de adaptação, impressão única de bem-estar, satisfação e alegria de viver. O autor destaca que essas conceituações por si só não alteram nem trazem modificações necessárias para mudar a forma de trabalhar com a pessoa com Transtorno Mental; o que vale é compreender que a partir das evoluções conceituais e de suas discussões teóricas e interdisciplinares é possível a transformação assistida atualmente no cenário da Saúde Mental. Com o exposto acima, faz-se necessário delinear as mudanças e evoluções que ocorreram no âmbito internacional, repercutindo fortemente no contexto brasileiro, sobre o tratamento e os cuidados necessários para pacientes com sofrimento psíquico.

A Reforma Psiquiátrica (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005) foi um movimento que alterou todo o cenário da Saúde Mental e a forma de intervenção com a pessoa com Transtorno Mental. Essa mudança revolucionou a forma de intervir na assistência básica de Saúde Pública no que se refere a Transtornos Mentais, dispensando ao paciente um tratamento mais integrado, respeitando as particularidades de cada caso e oferecendo às pessoas um tratamento digno. O trabalho desenvolvido nas instituições de saúde pública tem o intuito de manter o sujeito em sua comunidade, próximo de seus familiares e, dessa forma, inserido na sociedade. A internação nos Hospitais Psiquiátricos só deve ser feita quando as outras formas de atendimento não atingirem o objetivo, como consta na Lei 10216/01 a respeito desses direitos.

Cabe ressaltar que, a partir da Lei 10216/01, a forma de se trabalhar com o sujeito na Saúde Pública advém desse movimento da Reforma Psiquiátrica, que prima pelo atendimento aos pacientes com Transtorno Mental na comunidade. Devido a essa mudança no atendimento, a Psicologia está inserida nesses locais e também por meio dos seus campos de estágios na formação de Psicologia. A autora dessa pesquisa, tendo realizado seu estágio no Programa de Saúde Mental (PSM), no bairro Belo Vista, no município de São José (SC), e no

Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II), localizado no município de Palhoça (SC), pôde participar desse cenário de exercício do Psicólogo na Saúde Mental. O objetivo das ações desenvolvidas no estágio foi o de promover alívio do sofrimento psíquico dos pacientes, bem como sua integração à comunidade. Esses programas trabalham com a multidisciplinaridade de profissionais, dentre os quais é possível citar Psiquiatras, Psicólogos, Enfermeiros, Técnicos de Enfermagem, Estagiários de Psicologia e Agentes Comunitários, todos trabalhando para a promoção de saúde e preservação da cidadania, sem mais segregar o indivíduo que sofre.

Stotz e Campos (2006), quando realizaram a implantação do Projeto do referido estágio verificaram, que os atendimentos no Centro de Saúde Mental da Bela Vista, em São José, referiam-se a transtornos de maior frequência. Estes foram identificados, conforme a Tabela que segue, após diagnóstico institucional a partir do levantamento dos prontuários dos pacientes. Como exemplos são apresentados, a seguir, dados da população masculina atendida naquele momento.

Tabela 1 – Os dez transtornos mais frequentes na população masculina

Transtornos	%	Frequência
Episódios depressivos	21,47	70
Transtorno devido ao uso de álcool	15,64	51
Outros transtornos ansiosos	8,59	28
Transtorno afetivo bipolar	8,28	27
Transtorno devido ao uso de outras substâncias psicoativas	6,75	22
Esquizofrenia	6,75	22
Transtornos esquizoafetivos	3,68	12
Reações ao <i>stress</i> grave e Transtorno de adaptação	3,68	12
Transtorno depressivo recorrente	3,37	11
Transtorno de humor persistente	2,76	9
Total		326

Fonte: Pesquisa Documental 2006/2.

Relacionado a isso, cabe acrescentar que:

Segundo estimativas internacionais e do Ministério da Saúde, 3% da população (5 milhões de pessoas) necessita de cuidados contínuos (transtornos mentais severos e persistentes), e mais 9% (totalizando 12% da população geral do país – 20 milhões de pessoas) precisam de atendimento eventual (transtornos menos graves) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009, p. 2).

Os dados apresentados neste contexto confirmam os dados identificados em São José e denunciam a necessidade de aprimoramentos para os cuidados em Saúde Mental, pois os índices expressam que uma porção relevante da população mundial precisa de cuidados cada vez mais efetivos de profissionais capacitados na área da Saúde Mental. Isso evidencia a importância, tanto para o meio profissional quanto, especialmente, para o acadêmico, de conhecer e produzir estudos científicos que busquem, à luz da teoria, uma compreensão do sujeito que sofre para poder atuar de forma técnica, segura, científica e ética, contribuindo assim para uma intervenção eficaz junto à sociedade.

Diante dos dados problematizados anteriormente, é relevante que se esclareça o conceito de Transtornos Mentais e quais tratamentos são utilizados na atuação dos estagiários que atendem pacientes com algum sofrimento psíquico no referido campo de estágio. Conforme o **Manual diagnóstico de Transtornos Mentais** (DSM-IV, 2003) problematiza, não é possível uma definição que corresponda exatamente ao conceito de Transtorno Mental. Este remete a um grande número de critérios, tais como “sofrimento, descontrole, deficiência, incapacitação, inflexibilidade, irracionalidade, padrão sindrômico, etiologia e desvio estatístico [...]” (DSM-IV, 2003, p. 27). Cada um desses conceitos é referência de um transtorno mental, no entanto, “nenhum equivale ao conceito, e diferentes situações exigem diferentes definições [...]” (DSM-IV, 2003, p. 27). Diante disso, se faz importante que profissões e áreas do conhecimento que venham desempenhar ações junto as populações tenham bem claro que catalogações são, em verdade, parâmetros para o olhar e não necessariamente o indicador do que exatamente deve ser visto pelo observador

É diante desse cuidado em não se ter como função em saúde mental a catalogação que a psicanálise aqui é tomada como recurso teórico no sentido de poder conhecer sobre a estruturação de Lima Barreto enquanto sujeito psíquico, muito mais do que buscar algum tipo de enquadramento acerca de qual transtorno seria acometido. Deste modo cabe informar que Afonso Henriques de Lima Barreto, em 1914 e 1919, foi internado no hospício com delírios e alucinações, Barbosa (2003) ressalta que na época o romancista foi diagnosticado que tais alucinações e delírios foram provocados pelo uso imoderado de álcool. O literato deixa

entrever em seus escritos, que além do abuso de álcool apresentava outros sofrimentos psíquicos.

A compreensão de Lima Barreto pode ser feita à luz da teoria psicanalítica, pois segundo Laplanche e Pontalis é um estudo que Freud desenvolveu, e se trata de:

- a) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode entender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.
- b) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou uma análise).
- c) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 384-385).

De acordo com Freud (1885), a Psicanálise é um método “terapêutico” em que o paciente é convidado pelo analista a se recostar em um divã. O analista sugere ao paciente que fale o que lhe vier à mente e este, por sua vez, ao falar o que lhe vem à mente, de acordo com Freud, estará associando livremente, relatando seus sonhos, desejos, esperanças e fantasias, bem como experiências no decorrer de sua vida, desde a infância. O analista escuta e interpreta a partir da fala do paciente, mantendo-se de forma neutra nessa escuta, ou seja, não emitindo juízo de valor. Todo esse processo ocorre via transferência.

Desta forma, cabe ressaltar que o conjunto de manifestações no contexto analítico se dá de acordo com a constituição psíquica do sujeito, que, segundo Freud (1924), advém do Complexo de Castração e do Complexo Edipiano, o que pode desencadear uma estrutura neurótica, psicótica ou perversa. Ainda segundo o autor, a neurose se estabelece em decorrência da subversão entre o ego e o id, visto que no sujeito com neurose o ego está a serviço do id e o mecanismo fundamental é o recalçamento de impulsos pulsionais que ocasiona a angústia, sintomas ou a idéia substitutiva.

Já na psicose, Freud (1924) supõe ser algo comparável ao “processo de uma neurose” que aparece em diferentes momentos na mente. No primeiro momento, levaria o ego para uma realidade distante; no segundo, repararia o mal ocasionado, para depois devolver ao sujeito as analogias com a realidade, conforme as exigências do id. Freud (1924) complementa que na neurose partes da realidade são impedidas por uma primeira evasão, seguido de uma fase de constante mudança, não abandonando a realidade, porém

desconhecendo-a. A psicose, por sua vez, cria outra realidade. De acordo com Freud ([1901-1905], 2006) outra estrutura denominada de perversão onde o sujeito para obter prazer sexual procura outras formas de satisfação desviantes da relação sexual.

Sigmund Freud, por meio de sua clínica, procurou compreender como se estrutura a personalidade de uma pessoa desde o seu nascimento. Desta forma, alguns trabalhos de Freud relatam a temática especialmente na XXII Conferência, intitulada “Algumas ideias sobre Desenvolvimento e Regressão – Etiologia”, e na XXIII, denominada “Os caminhos da formação dos sintomas” (FREUD [1916-1917], 1996, p. 343, 361), textos nos quais o autor busca explicar como acontece a organização psíquica na personalidade humana. Assim, tais estudos e conclusões obtidas por Freud sobre a neurose, psicose e perversão, bem como outros conceitos estudados pelo mesmo autor, são importantes para a compreensão da estruturação do sujeito, podendo ampliar a compreensão do que é um Transtorno Mental.

A partir dos dados expostos até aqui, apresenta-se esta pesquisa com o intuito de colaborar para o desenvolvimento da ciência, ampliando e aprofundando os conhecimentos no que diz respeito à estruturação psíquica do sujeito. Para fazer a contextualização da pesquisa procedeu-se a busca em bases de dados disponibilizadas pela Unisul sobre trabalhos científicos desenvolvidos a respeito da história de vida de Afonso Henriques de Lima Barreto. Foram encontrados vários textos abordando diferentes aspectos de sua história, entre os quais:

- **A biografia e biografado: reflexões sobre Afonso Henriques de Lima Barreto** – esse trabalho tem por objetivo analisar as contradições do biografado, debatendo que uma biografia não é a organização linear de uma vida, já que esta tem como marca maior a pluralidade (FERREIRA, 2009);
- **A identidade cultural engajada de Lima Barreto** – que analisa como a identidade cultural está representada e articulada na ficção de Lima Barreto; (FERREIRA, 2009);
- **Hospício de doutores** – que tem como objetivo descrever o que a história de Lima Barreto expressava acerca dos médicos, dos loucos e da loucura. (ARANTES, 2008);
- **Para mim, Paraty: alcoolismo e loucura em Lima Barreto** – que situa a imagem estigmatizada do alcoólatra no início do século XX (ARANTES, 2008);
- **Psicanálise e a Literatura: o corpo humilhado de Lima Barreto** – que busca investigar e tecer considerações sobre o corpo humilhado de Lima Barreto, empreendendo um diálogo entre Psicanálise e Literatura, com base nas formulações teóricas de Birman, Freud e Lacan, entre outras (PIMENTA, 2007).

Após ter feito a leitura dos trabalhos citados, constatou-se que estes não buscavam os objetivos que a presente pesquisa almeja, qual seja, uma compreensão de Lima Barreto como sujeito. Diante disso, buscou-se organizar a presente pesquisa por meio do método de pesquisa denominado “História de Vida” a partir do texto autobiográfico de Lima Barreto *Diário Íntimo*, com apoio na biografia *A Vida de Lima Barreto*, de Francisco de Assis Barbosa (2003). Ou seja, far-se-á o exercício de compreensão do literato por meio de conceitos psicanalíticos e buscar-se-á contribuir para esta modalidade de pesquisa, uma vez que estudos sobre o literato brasileiro revelam que, durante sua trajetória de vida, este apresentava sofrimento psíquico significativo, relatado por ele mesmo e de domínio público.

Assim, a presente pesquisa realizada por meio especialmente do **Diário íntimo** de Afonso Henriques de Lima Barreto, com apoio na biografia **A vida de Lima Barreto**, de Francisco de Assis Barbosa. Diante do exposto, a presente pesquisa quer responder à seguinte pergunta: Quais as características da constituição de Lima Barreto, enquanto sujeito, podem ser compreendidas a partir do seu texto **Diário íntimo**?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar aspectos da história de Afonso Henriques de Lima Barreto relativos à sua constituição como sujeito, a partir da teoria psicanalítica.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Demonstrar elementos da teoria psicanalítica relevantes para compreensão da constituição do sujeito.

b) Identificar em dados biográficos e autobiográficos de Afonso Henriques de Lima Barreto aspectos importantes de sua vida.

3 MARCO TEÓRICO

3.1 DADOS BIOGRÁFICOS DE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO

Neste capítulo serão apresentados alguns dados relevantes sobre o literato Afonso Henriques de Lima Barreto desde a sua descendência, bem como da sua história de vida, conforme os relatos da biografia **A vida de Lima Barreto**, de Francisco de Assis Barbosa (2003).

Barbosa (2003) descreve que a bisavó materna de Afonso Henriques de Lima Barreto pariu vários filhos. Muitos faleceram, outros se afastaram para outras regiões do Brasil. Seu pai, João Henriques de Lima Barreto, era filho de uma escrava, Carlota Maria dos Anjos, e de um português que não o reconheceu como filho. Já a mãe de Afonso Henriques de Lima Barreto, Amália, era filha de uma escrava que pertencia à abastada família Pereira de Carvalho, antes de ser liberta, e recebeu o sobrenome dessa família, o que lhe protegeu e deu estudos, formando-se professora. Aos quinze anos, Amália foi pedida em casamento por João Henriques de Lima Barreto. Este trabalhou como tipógrafo no **Jornal do Comércio**, passando em seguida para o **D'A Reforma**, aos 19 anos de idade, em ambiente tido como o mais adiantado da época em matéria de tipografia, capacitando-se como técnico profissional.

João Henriques foi ambicioso e frequentou o “Instituto Comercial da Corrente”, o que constituiu a base de seus estudos de humanidades. Ali aprendeu francês e, ao mesmo tempo, preparou-se para ingressar na Escola de Medicina, almejando ser “doutor”, para ser respeitado e admirado por todos. Expandiu seus objetivos com ideias de constituir família. Casou-se com Amália Augusta, a quem conhecia desde que era pequena e com quem teve cinco filhos. De acordo com Barbosa (2003), Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881, na cidade do Rio de Janeiro. A mãe de Afonso Henriques de Lima Barreto era filha de Geraldina Leocádia da Conceição e neta de Maria da Conceição, filha de uma mulher conhecida como a Mãe Quirina, que viera para o Brasil ainda bem pequena □ “Era da África de nação Moçambique” (BARBOSA, 2003, p. 39). Ressalte-se, em tempo, que Afonso Henriques de Lima Barreto refere-se a ela em seus escritos com carinho. A seguir, será apresentado um quadro demonstrando os antecessores da família de Afonso Henriques de Lima Barreto.

Conforme Barbosa (2003), João Henriques, após assumir compromisso de casamento com Amália, preocupava-se com a situação financeira e tinha pensamentos de que não poderia manter o padrão de vida que a noiva possuía. Isso ocasionou sua primeira crise nervosa, que resultou em um extenso tratamento custeado por seu chefe, Afonso Celso, da oficina **D'A Reforma**, local no qual o tipógrafo trabalhava. Após a permanência de seis meses no Hospital, João Henriques de Lima Barreto recebeu alta com a recomendação médica de que deveria descansar em uma estação de repouso, em Caxambu. Assim, o tipógrafo permaneceu por mais um tempo, agora custeando as despesas de viagem e estadia com um prêmio de loteria.

Ainda segundo Barbosa (2003), quando João Henriques retornou de Caxambu, casou-se com Amália Augusta, aos sete de dezembro de 1878, tendo por padrinho Afonso Celso, seu chefe e futuro Visconde de Ouro Preto. Após o casamento, o casal foi morar em Laranjeiras, no mesmo endereço em que funcionava uma escola para meninas, o Colégio Santa Rosa, de que Amália Augusta tomava conta. Amália incentivava João Henriques a dar continuidade a seus estudos para ingressar na Escola de Medicina.

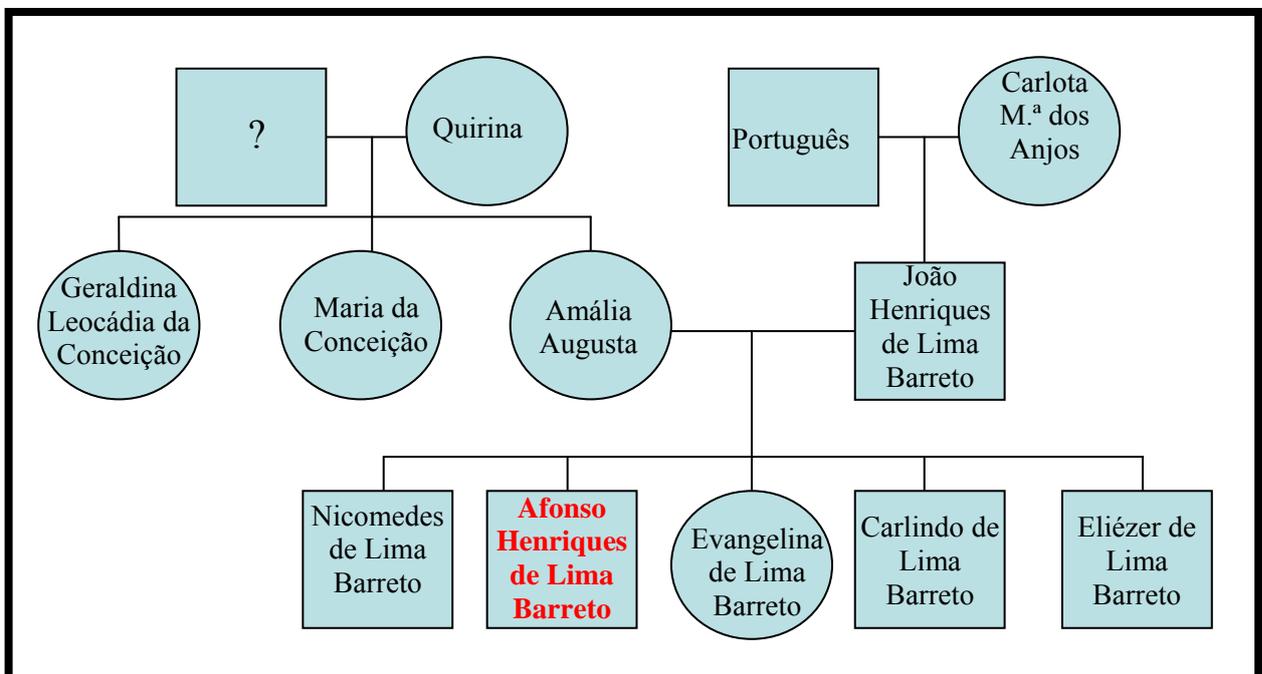


Figura 1 – Genograma

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

Em 1879, nasceu o primeiro filho do casal. Amália por pouco não morreu e o bebê, que havia recebido o nome de Nicomedes, faleceu oito dias depois. Amália Augusta sofrera problemas sérios no parto desse primeiro filho, sofrendo sequelas que a obrigaram a usar muletas para se locomover; embora sua saúde tenha sido afetada, permaneceu na direção do colégio Santa Rosa, contribuindo nas despesas da família. Depois do primeiro filho, nasceram mais dois, com pouco mais de um ano de diferença de idade: Afonso Henriques de Lima Barreto, em 13 de maio de 1881, e Evangelina, em 1882.

De acordo com Barbosa (2003), João Henriques não media esforços para superar os problemas do lar, ultrapassando seus horários de trabalho. Finalmente, entendeu que não conseguiria atingir seu sonho de ser médico. As prioridades daquele momento eram os filhos e principalmente a saúde da esposa, que inspirava cuidados e o deixava preocupado. O médico recomendara banhos de mar, o que ocasionou várias mudanças de endereço, até irem residir próximo à praia Santa Luzia, o que beneficiaria a esposa. Morando definitivamente na Rua das Marrecas, nasceu, em 1884, o quarto filho, Carlindo. Nessa época, Amália deixou de trabalhar como professora e cooperava com o marido nas tarefas de casa, cuidando dos filhos e desenvolvendo outras atividades com fins lucrativos, como lavar, passar e costurar, aumentando a renda familiar. A figura da mãe jamais sairá da memória do pequeno Afonso, com seus “tristes” vestidos e aquele olhar que o mirava sempre, “fosse que circunstância fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor” (BARBOSA, 2003, p. 49).

Eram evidentes as dificuldades que a família enfrentava. Amália se encontrava na quinta gestação. Debilitada, não teria condições de suportar o sofrimento em que se encontrava. João Henriques mudou de endereço por sugestões de amigos, afastando-se para o subúrbio, pois seria um lugar tranquilo, com custo de vida menos caro e ar saudável para que Amália convalescesse. Encontrando uma casa em Catumbi, o casal mudou-se com os filhos e a esposa. Nessa casa nasceu o quinto e último filho, Eliézer, em 1886. Barbosa (2003) narra que João Henriques se empenhava para que Amália se restabelecesse. Logo após, a família mudou-se para o bairro Paula Matos, à procura de uma casa que propiciasse mais conforto. Esse novo endereço ficava na Rua Santo Alfredo. De acordo com o autor:

De nada adiantaria o novo sacrifício. A pobre Amália morreu poucos meses depois (dezembro de 1887), vítima de uma tuberculose galopante. Aos 35 anos de idade, o tipógrafo João Henriques de Lima Barreto estava viúvo, com quatro filhos pequenos. O maiorzinho, Afonso, não havia completado sete anos. E o menor, Eliézer, nem fizera dois anos (BARBOSA, 2003, p. 50).

Barbosa (2003) relata que, após a morte de dona Amália, João Henriques de Lima Barreto teve novamente de mudar de endereço. A tristeza tomou conta da família. O menino Afonso Henriques foi estudar em escola pública e, com a morte de sua mãe, passa a sentir-se só.

João Henriques de Lima Barreto passou a trabalhar na **Tribuna Liberal** e participou de vários movimentos políticos na História do Brasil, como o voto secreto, o direito de voto ao indivíduo alfabetizado, a prática do matrimônio no civil e melhorias no ensino. Nesse mesmo período, João Henriques continuou trabalhando como paginador do mesmo jornal. Barbosa (2003) descreve, então, lembranças de Afonso Henriques de Lima Barreto daquela época:

[...] pouco antes de vir a República – escreveu o romancista, recordando essa fase da primeira infância – eu brincava, com outros meninos, cujos destinos não sei, de *marche aux flambeaux*, quando meu pai era paginador da infausta *Tribuna Liberal* e eu vinha passar a noite ao seu lado (BARBOSA, 2003, p. 52).

Segundo Barbosa (2003), nesse momento da História do Brasil no século XIX, os conflitos políticos denunciavam a mudança da forma de governo, da Monarquia para a República, estando envolvidos nessa luta o Visconde de Ouro Preto e Afonso Celso, ambos amigos de João Henriques de Lima Barreto, e também simpatizantes da Monarquia. Com a mudança da forma de governo, João Henriques sofreu ameaça de perder seu posto na **Tribuna Liberal**. Antes que isso acontecesse, porém, pediu para sair do emprego, onde havia permanecido por doze anos.

Barbosa (2003) descreve as recordações que Afonso Henriques de Lima Barreto narrou sobre a “Abolição da Escravatura”, que foi comemorada com a assinatura da Lei Áurea, no dia de seu aniversário, 13 de maio de 1888, pela princesa Isabel. Seu pai o presenteou levando-o para presenciar esse acontecimento, proporcionando momentos de extrema importância e prazer para o menino, bem como para seus amigos, ainda que não soubessem o quanto era importante esse acontecimento naquele momento. Lima Barreto declarou que a palavra que lhe marcou foi “livre!”. Outro fato que marcou para o pequeno Afonso Henriques de Lima Barreto foi a vinda de Pedro II, que retornava de Portugal. O autor acrescenta que o literato expressava que não tinha lembranças sobre a Proclamação da República.

Barbosa (2003) ressalta que João Henriques de Lima Barreto, com a mudança da Monarquia para a República, foi demitido da função que ocupava na **Imprensa Nacional** e do

trabalho na **Tribuna Liberal**. Com isso, levou seus filhos para ficarem com a família Pereira de Carvalho, na qual julgava poder confiar, acreditando que ali eles estariam seguros e bem cuidados.

Em curto período de tempo, João Henriques foi designado para o cargo de “escriturário das Colônias de Alienados da Ilha do Governador que o governo Republicano acabara de criar [...]” (BARBOSA, 2003, p. 67), expandindo e melhorando o “Asilo de Mendigos da Ponta do Galeão”. Isto foi possível com a ajuda de um conhecido do jornal **D’A Reforma**, reparando a desgraça que afligiu o tipógrafo, devido ao declínio da Monarquia. No decorrer daquele ano, João Henriques ficou sozinho na ilha e seus filhos Afonso e Evangelina permaneceram no Rio, com o propósito de terminar os estudos. O garoto Afonso Henriques se destacava na escola, recebendo vários prêmios. João Henriques se envaidecia pelo destaque de seu filho e julgava que ele não teria problemas para ingressar na faculdade, com certeza seria “Doutor”. João Henriques procurou o padrinho do filho, Visconde de Ouro Preto, que assumiu as despesas referentes aos estudos do menino, inscrevendo-o no Liceu Popular, um colégio de regime de internato muito famoso, que era frequentado por uma classe social de alto poder aquisitivo. Assim, Afonso Henriques de Lima Barreto entrou para o Liceu Popular em regime escolar de internato.

Segundo Barbosa (2003), o pai de Lima Barreto recebeu promoção de cargo e a família foi morar com ele a partir do início de 1891, na Ilha do Governador. O garoto Afonso Henriques era levado por um funcionário para passar os finais de semana com a família. O autor ainda relata que, nesse período, João Henriques ficou responsável pelos cuidados da Colônia São Bento e Conde Mesquita. Os registros que Afonso Henriques de Lima Barreto deixou em seus escritos sobre a casa em que o pai morava, na época em que recebeu promoção de cargo, revelam que ela tinha características de sítio, era grande e confortável.

De acordo com Barbosa (2003) João Henriques de Lima Barreto se recordava de todas as situações políticas, da tristeza pela lembrança da morte da esposa e de outros acontecimentos, desde o período em que ficou viúvo, acontecimentos que fizeram com que seu destino mudasse tantas vezes. Perdido nessas lembranças, João Henriques tornou-se um homem irritado e triste. Barbosa (2003) apresenta o relato de um soldado que trabalhou com João Henriques como seu subalterno, dizendo que, devido aos fatos descritos acima, ele começou a ingerir bebida alcoólica. Não deixou, porém, que a bebida o afetasse nas responsabilidades que tinha em seu cargo na Colônia da Ilha do Governador.

João Henriques tomou gosto pelo que fazia e transformou tudo aquilo em uma enorme fazenda, no ano de 1897. Entretanto, nos primeiros tempos, nada foi fácil. A família

inteira sofreu do mal da malária e por isso ele mandou as crianças para o Rio de Janeiro. João Henriques, tendo ficado na colônia, padecia com a febre. Depois da febre, tudo voltou ao normal outra vez. As crianças, inclusive Afonso Henriques, sentiram uma liberdade imensa e se desenvolviam felizes, já sob os cuidados de dona Prisciliana, “uma ama” que inteligentemente fazia com que a casa tivesse uma conotação familiar e tranquila. Além dos irmãos, Afonso Henriques considerava também como amigo “[...] o velho preto Manoel de Oliveira” (BARBOSA, 2003, p. 78), que gostava de mimar as crianças, que o tratavam como seu Lifonço. Tais acontecimentos ocorreram no melhor período das colônias, Afonso estudava no Liceu Popular Niteroiense e visitava o pai e os irmãos nos finais de semana. João Henriques, sempre atento aos passos de Afonso, observava suas lições e falava sempre na linguagem do filho. Além da agricultura, a literatura também agradava a João Henriques e, por isso, guardou um exemplar d’**A divina comédia**, traduzida pelo Visconde de Vila da Barra, para seu filho mais velho, Afonso Henriques de Lima Barreto, e a obra de Tácito.

Conforme Barbosa (2003) destaca:

Sabia realmente muitas coisas aquele homem “de corpo anguloso e seco” [João Henriques], lia livros em idiomas estrangeiros, conhecia o nome das estrelas e explicava a natureza da chuva. Narrava cenas e fatos da vida política do Império, episódios em que entrava Cotegipe, Silvério Martins, José Bonifácio, o moço e Francisco Otaviano. E (por que não) também o seu padrinho de casamento. Compadre Visconde de Ouro Preto (BARBOSA, 2003, p. 79).

A Ilha do Governador seguiu certa rotina até ter início “a Revolta da Armada”, episódio em que foi invadida e tomada por soldados de Custódio e Saldanha contra Floriano Peixoto. João Henriques de Lima Barreto levou a família para o Engenho da Pedra, no litoral da Penha. Mas retornava à ilha diariamente para levar mantimentos para os internos, que não conseguiram sair da ilha. Sobre a Ilha do Governador, Afonso Henriques de Lima Barreto narrou que dela: “[...] fez-se uma verdadeira mudança de móveis, roupas e outros haveres. O que não podia ser transportado era destruído pelo fogo e machado” (BARBOSA, 2003, p. 81).

De acordo com Barbosa (2003) João Henriques de Lima Barreto adoeceu em 1902, na mesma época das festividades do dia de Nossa Senhora da Glória, datada no mês de abril. O autor relata que João Henriques na véspera da comemoração se preparou para ir aos pés da santa fazer suas preces, ato que se repetia todos os anos desde sua infância. Nesta mesma invocação, batizou o filho Afonso Henriques de Lima Barreto. Barbosa (2003) ainda conta que João Henriques, na véspera, durante o jantar, falou com alegria. O autor relata que João Henriques antes deste período se mostrava triste e pouco falava, revelando pouquíssimos

momentos de satisfação. Relata também que este acontecimento festivo lhe tornou um homem com o mesmo bom humor de quando assumiu seu cargo na Colônia de Alienados. Depois do jantar, desejou boa noite, foi dormir cedo para na manhã seguinte acordar. O autor comenta que ninguém se quer imaginou que algo ruim viesse a acontecer. Barbosa (2003) relata que na madrugada a paz na pequena casa foi interrompida com

[...] gritos lancinantes que vinham do quarto de João Henriques. O almoxarife delirava. Acudiu-o incontinente o filho Carlindo (Afonso não estava em casa). Por entre as frases desconexas que proferia, percebia-se que o pobre homem alucinado, estava possuído pelo pavor de ser preso. Era a loucura.
– Não deixem a polícia entrar! Não deixem! – gritava e chorava, ao mesmo tempo (BARBOSA, 2003, p. 128)

De acordo com Barbosa (2003), o estado de saúde de João Henriques se manteve alterado a noite inteira. João Henriques ao acordar no dia seguinte era um homem totalmente diferente do dia anterior. Seu olhar era de desconfiança para com todos. Não conversava com seus filhos nem mesmo com Prisciliana. Esquecera-se inclusive dos seus preparativos para a comemoração da festa de Nossa Senhora da Glória. Afonso Henriques, seu filho, segundo Barbosa (2003), foi comunicado sobre o adoecimento de seu pai, e foi estar com ele. “[...] Mas de nada adiantou a presença do seu filho amado. João Henriques recebeu-o com os olhos esbugalhados. Tremendo de frio e de medo, explicou-lhe num fio de voz”. “– É a polícia. Está aí fora. Cercando nossa casa para me prender”. (BARBOSA, 2003, p. 128). Com muito trabalho e paciência, a família entendeu o que ocasionara a inesperada crise “[...] que abatera aquele homem habituado a lidar com insanos”. (BARBOSA, 2003, p. 128).

De acordo com Barbosa (2003) João Henriques de Lima Barreto havia percebido a falta de uma quantia mínima quando fez as contas no livro caixa, e não enviou aos seus superiores. Passaram-se dias e João Henriques não cansava de refazer as contas para encontrar a diferença. Ficou com a idéia fixa de que pudessem acusá-lo de roubo. Seria uma acusação sem justificativa devido à diferença tão pequena. E como a data de entrega do documento se esgotava, a obsessão aumentou em sua mente, não despertando a atenção de seus filhos e sua companheira, até que a crise se manifestou. As crises alucinatórias prosseguiram sem trégua e João Henriques de Lima Barreto, em 1902, durante um último exame médico, foi declarado incapaz para continuar trabalhando no serviço público. Foi aposentado.

Barbosa (2003) relata que a trajetória de Afonso Henriques de Lima Barreto no Liceu Popular tinha chegado ao fim. Teria de prestar exames para poder ingressar no curso superior, ser doutor, “com pergaminho e anel de grau”. Seu pai queria ver o filho formado,

“realizando seu próprio sonho da adolescência. Parecia traçado de antemão o destino de Lima Barreto: seria engenheiro. Ele mesmo confessaria mais tarde. Queria construir pontes, máquinas cais, ou coisas semelhantes” (BARBOSA, 2003, p. 87). Barbosa (2003) destaca que o fato “é que aos quatorze anos, o futuro romancista prestava exames no Ginásio Nacional”. No primeiro mês de 1895 fez a prova de uma disciplina e em agosto do mesmo ano fez outra. “Enquanto isso se preparava para os demais, estudando em casa, com seu pai. No início do ano de 1896, “antes de matricular-se no Colégio Paula Freitas, prestou exames de História geral e do Brasil”. Neste colégio, Afonso Henriques de Lima Barreto mais uma vez é interno, pois o colégio criou um curso anexo para preparar os candidatos que pretendiam frequentar a escola do Largo do São Francisco.

Conforme Barbosa (2003), Lima Barreto sempre foi bom aluno, de boas notas tanto no Liceu Popular quanto no colégio interno. Segundo depoimento de um amigo, Lima Barreto não parecia uma criança, tinha a aparência de um idoso, não tinha gosto pela brincadeira como as outras crianças, sempre sozinho num canto com seus livros e suas preocupações. “Raras eram as suas expansões.”

O autor relata ainda outro depoimento importante da mesma época: “José Oiticica revelou o gosto dos rapazes da época por debates filosóficos, afirmando ter entre eles um positivista, Carlos Costa que por sua vez tinha um colega que discutia seu positivismo, sendo ele Lima Barreto” (BARBOSA, 2003, p. 88).

De acordo com o autor, Lima Barreto provavelmente no ano de 1896 havia frequentado a capelinha do apostolado, pois no ano de 1897 foi considerado como “marco na história da pregação positivista no Brasil. Tal capela era um templo que na sua construção havia obedecido fielmente ao plano traçado por Augusto Comte”.

Não foi difícil determinar o ano em que Lima Barreto se contaminou do sarampo positivista, muito na moda na época, pois ele mesmo relata que “[...] aí pelos 15 anos e mesmo antes [...] não tinha a mínima preocupação literária: havia até abandonado meu Julio Verne e todo eu era seduzido para o positivismo e coisas correlatas” (BARBOSA, 2003, p. 88). Barbosa descreve que o literato, em seus romances, demonstra que seus protagonistas participavam da “iniciação na doutrina comtista”. Eram “os estudantes Isaias Caminha e o Vicente Mascarenhas, este último personagem central do *Cemitério dos vivos*, que Lima Barreto não terminou, e no qual, talvez mais do que em qualquer outro são evidentes as reminiscências autobiográficas” (BARBOSA, 2003, p. 89).

Barbosa (2003) salienta que nos quatro primeiros meses de 1897 terminou outros exames também requisitados pelo Ginásio Nacional, e que fez o vestibular para ingressar na

Escola Politécnica. O autor afirma que Afonso Henriques de Lima Barreto se saiu muito bem, ainda que não tivesse conquistado notas excelentes, mas se inscreveu no curso geral de Engenharia Civil e este após ter vivido muitos anos em colégios internos agora experimentou uma vida diferente em quartos de pensões para estudantes. O autor relata que “a vida Lima Barreto limitava-se às aulas e às longas leituras na Biblioteca Nacional. As mulheres não lhe entravam nas cogitações” (BARBOSA, 2003, p. 95). De acordo com o autor, o literato nos fins de semana embarcava em uma lancha e ia para a Ilha do Governador estar com a família. E que este se interessou por estudar filosofia a maior parte do tempo em que estava na Politécnica, relatando ainda as dificuldades que Lima Barreto enfrentou em várias disciplinas, tendo de repeti-las.

Deste modo, “Lima Barreto não era positivamente um grande estudante. Estava na escola para satisfazer ao pai... Ia pouco às aulas. Era incapaz de se interessar pelas coisas que não amava. Preferia esconder-se na biblioteca, devorando Kant, Spencer, Comte, Condillac, Condorcet, Le Bom” (BARBOSA, 2003, p. 102). O biógrafo salienta que no ano de 1900, Lima Barreto fazia pela segunda vez o primeiro ano por ter sido reprovado em matemática. No entanto, ao final do ano fez todas as provas e passou na maioria das disciplinas, à exceção de Mecânica Racional. E não esperava por esta reprovação. De acordo com Barbosa (2003), Lima Barreto confiava muito em sua inteligência, e se mantinha muito tempo na Biblioteca do colégio estudando filosofia. Na hora das provas, porém, não dominava o conteúdo.

Barbosa (2003) relata que o ano de 1901 findou com um acontecimento importante, a fundação da Federação de Estudantes, que agitará a mocidade. Everardo Backheuser levantou a bandeira da Politécnica. Convocou os colegas mais influentes, “como Heitor Lira e os que formavam no seu grupo de antigos alunos do Ginásio Nacional...” (BARBOSA, 2003, p. 103). Lima Barreto não formava entre os “grandes”; participou do movimento, mas possuía pouquíssimos amigos. Neste sentido, cabe acrescentar que embora

Amável com todos, jamais se entregava à primeira vista. Abria-se com poucos. E, mesmo com os mais chegados, não gostava de intimidades. Quando não estava na biblioteca, juntava-se a este ou aquele grupo, para conversar sobre política, sobre literatura ou sobre a própria Escola. Criticava professores e alunos, sem maldade, mas com ironia. Era a defesa que o ambiente lhe impunha (BARBOSA, 2003, p. 105).

De acordo com Barbosa (2003), Afonso Henriques de Lima Barreto “Não se acostumara ao “ar” da Escola. Tímido, mas orgulhoso, estava sempre prevenido. E via na maioria dos colegas, quase todos filhos de gente graúda, olhares de desdém. Vestia-se

pobrememente, ao contrário de muitos [...]” (BARBOSA, 2003, p. 105). Ainda que fosse tímido, Lima Barreto foi eleito no ano de 1901 para diretoria da Federação de Estudantes. Mas em seguida entregou seu cargo por não concordar com a “representação dirigida ao Congresso Nacional com favorecimento ao serviço militar obrigatório” (BARBOSA, 2003, p. 105). O autor ressalta que Bastos Tigre conseguiu vencer a timidez de Lima Barreto, transformou o literato em “colaborador d’**A Lanterna**, periódico de ciências, letras, artes, industriais e esportes”. Jornal de estudantes, criado e administrado por um aluno da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, mantinha uma seção para as diversas escolas de nível superior. De acordo com Barbosa (2003), este mesmo amigo de Lima Barreto foi quem o indicou ao proprietário de d’**A Lanterna** para escrever a seção da Politécnica, e neste jornal o que escrevia assinava sob o pseudônimo Alfa Z, mais tarde alterado para Momento de Inércia. O autor afirma que Lima Barreto nos textos e crônicas que escrevia no jornal já demonstrava sarcasmo.

Deste modo, Barbosa relata que Afonso Henriques de Lima Barreto, sendo filho com mais idade, assume o controle da casa, subsidiando todas as despesas da família composta de oitos pessoas, sendo três irmãos, Prisciliana com seus três filhos e o velho Manuel de Oliveira, agregado dos Lima Barreto, que mal havia completado dezoito anos de idade. Relacionado a isso, cabe acrescentar que:

Atormentado pelo seu drama íntimo, o jovem estudante da Politécnica arcava sozinho com todo o peso da responsabilidade de cuidar de uma numerosa família, e encarava as dificuldades que se lhe iam antepondo no caminho da vida. A demora na solução da aposentadoria paterna criara-lhe, de fato, sérios embaraços de ordem financeira. Atrasava-se no pagamento dos alugueis, e o senhorio reclamava o dinheiro. A sua vida como que estava em suspenso. Abandonara a Escola Politécnica. Deixara de frequentar a Federação de Estudantes (BARBOSA, 2003, p. 134).

Barbosa (2003) salienta que Lima Barreto vivia apreensivo por ter de pleitear um trabalho que o livrasse da agonia devido às obrigações. Sozinho sem “pistolões”, amigos importantes capazes de ajudá-lo na procura de um trabalho, “a angústia transformou-se em desespero”. O autor ressalta que este mesmo sofrimento Lima Barreto projeta para o personagem Isaias Caminha. De acordo com o autor, Lima Barreto lutou contra a “própria natureza”, participou do concurso de amanuense para a Secretaria da Guerra. O concurso oferecia somente uma vaga, não foi nomeado em primeiro lugar devido a sua caligrafia que era ilegível, com a diferença de seis décimos. No entanto foi nomeado algum tempo depois e tomou posse na Secretaria de Guerra por conta do falecimento de um funcionário, aos 27 de Outubro de 1903. O autor descreve o depoimento de um amigo de Lima Barreto desde que

frequentavam o Colégio Carlos Freitas e que na época compunha a diretoria da Secretaria de Guerra. O mesmo relatou que Lima Barreto era assíduo e cumpria rigorosamente com seus afazeres nos primeiros anos na Secretaria de Guerra. Em 1903, Bastos Tigre, amigo de Lima Barreto, convidou-o para produzirem revistas como a **Quinzena Alegre** e **O Diabo**. Ambas tiveram a mesma duração e não mais de quatro edições. Barbosa (2003) salienta que Lima Barreto se esforçava para manter as despesas da casa. De acordo com o autor, em 1903 foi uma época em que no Rio de Janeiro dá-se início a uma verdadeira revolução urbana, o “Bota Abaixo”, ou seja, derrubaram-se muitas residências para dar lugar à Avenida Central. Na Rua do Ouvidor se concentraram muitos cafés, confeitarias, bares, enfim era onde muitos dos políticos se encontravam. Era ponto de encontro também de jornalistas, literários e estudantes. Barbosa (2003) relata que de acordo com o depoimento de Antonio Noronha, que viveu neste meio, Lima Barreto fazia parte desta roda e teve muitos admiradores. Ainda que não tivesse nenhum nome de peso, eram instruídos e conversavam sobre vários assuntos, um deles a política.

De acordo com Barbosa (2003), o literato trabalhou na **Revista da Época** sem ordenado fixo. Em seguida tentou entrar no jornalismo profissional, “escrevendo reportagem no **Correio da Manhã**”. Conforme o autor, provavelmente quem o convidou foi um de seus amigos, Bastos Tigre ou Pausílipo da Fonseca, e logo na primeira edição Lima Barreto consolidou seu prestígio. Fazia denúncias sobre negociatas, investindo contra os políticos, “comendadores das Orleans Terceiras, quebrando enfim todos os tabus da época” (BARBOSA, 2003, p. 149). Ainda de acordo com o autor, Lima Barreto permaneceu no **Correio da Manhã** de abril de 1905 a agosto do mesmo ano.

Deste modo, Barbosa (2003) relata que Lima Barreto tinha muitos objetivos de vida, e não aceitou sem relutar contra a mediocridade da vida que passou a viver. Anteriormente ao adoecimento do pai, “seu tempo era dividido entre bibliotecas e as conversas de café. Convivia com artistas, escritores, jornalistas, numa agradável disponibilidade. Agora não. Fizera-se funcionário público” (BARBOSA, 2003, p. 158). Era responsável por sustentar uma família grande e o dinheiro era escasso. Trabalhando na Secretaria de Guerra, ainda era obrigado a lecionar aulas particulares para alunos ingressarem no Pedro II, Colégio Militar. Tudo isso, porém, estava muito longe do que havia sonhado: ser romancista, viver da inteligência e para a inteligência, sem outra preocupação que não a de escrever os seus livros (BARBOSA, 2003, p. 158). De acordo com o biógrafo, no início de sua vida literária, Lima Barreto não sabia que caminho escolheria. É evidente a hesitação diante da quantidade de obras que tentou: “[...] exercitou-se no teatro, na história, no ensaio, e

no romance sociológico. Qualquer gênero servia. Estava possuído da ânsia de produzir, de realizar alguma coisa de imediato que tal era seu sofrimento que projetava” (BARBOSA, 2003, p. 162). Fazia duas ou três obras concomitantemente, e não continuava com nenhuma delas. O autor ainda relata que Lima Barreto trabalhou por pouco tempo na redação da revista **Fon-Fon**. Assim que este semanário apareceu, o diretor o convenceu que seria inútil seu esforço de procurar o caminho pela imprensa burguesa para o início da carreira de escritor. “Se submeter-se-ia a qualquer sacrifício, menos ao de transigir com mediocridade. Não suportando por muito tempo a atitude de superioridade dos proprietários para com ele, demitiu-se” (BARBOSA, 2003, p. 174). Após ter abandonado a **Fon-Fon**, Lima Barreto e seus colegas colocam em prática o projeto da revista **Floreal**, a qual em sua terceira edição despertou a atenção do crítico José Veríssimo, elogiando-a em sua coluna do **Jornal do Comércio**.

No início de 1908, a **Floreal** encerrou suas atividades. Sem a revista, Lima Barreto “sentia-se como um guerreiro que tivesse perdido a armadura, impotente, ante os ataques do inimigo, que avançava sempre, ameaçando esmagá-lo. Julga-se só, abandonado dos amigos, que já não o procuram. Vê tudo negro” (BARBOSA, 2003, p. 182). De acordo com o autor, é “tão grande a depressão que pensa em suicídio. Procura a bebida como lenitivo, pois só o álcool tem poder para fazê-lo esquecer a imensa amargura” (BARBOSA, 2003, p. 182). O autor acrescenta que o ano de 1908 seria dedicado a tentativas, sem respostas positivas, na procura de um editor para o **Isaias Caminha**. O autor relata que a edição do **Isaias Caminha** se deu em fins de novembro ou no começo de dezembro de 1909. De acordo com o autor, no início de 1910 houve um julgamento do qual Afonso Henriques de Lima Barreto participou do Júri, o réu era o tenente do exército João Aurélio Lins Wanderley; a causa principal, o conflito com os estudantes. Na ocasião, este julgamento foi muito comentado, pois se estendeu por quatro dias e três noites.

Conforme Barbosa (2003), em 1911, no mês de agosto foi publicado na folha da tarde do jornal **O Comércio** a primeira edição de **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Neste mesmo período, Lima Barreto já se encontrava entregue à boemia. O autor acrescenta que esta obra foi a mais bem elaborada pelo literato, produzindo-a em apenas três meses. E foi por volta dos trinta anos que Lima Barreto atingiu o ponto mais alto da sua carreira de escritor. O autor relata que o uso demasiado de álcool não demoraria a “se manifestar de modo desastroso na saúde de Lima Barreto” (BARBOSA, 2003, p. 233). O autor acrescenta que apesar de sua vida desregrada, o literato não se ausentava da vida intelectual. “Lima Barreto fora relacionado entre os trezentos nomes dignos de figurarem na associação, destinada a

incentivar os que se iniciavam na literatura” (BARBOSA, 2003, p. 237). Lima Barreto recebeu apenas cinco votos.

Barbosa (2003) ressalta as informações que Carlindo, irmão de Lima Barreto, relata referente à sua primeira internação no hospício em 1914; este diz que “após uma semana na esbórnia, o romancista decidira ficar em casa alguns dias, descansando. E, de fato, ficou. Certa noite, porém, estavam sentados a mesa da sala de jantar, Lima Barreto teve sua primeira alucinação” (BARBOSA, 2003, p. 237). O autor ainda acrescenta que o literato alucinou a noite inteira. Pela manhã chamaram um médico da família. E seu diagnóstico foi de alucinações alcoólicas. Coisa passageira, sem maior importância. Ainda de acordo com o autor, foi levado para casa de um tio para se recuperar, mas não teve melhoras e os delírios continuaram a persegui-lo. Finalmente levaram-no para o hospício. Barbosa (2003) salienta que estas informações foram colhidas com seu irmão e das anotações existentes no “Livro de Observações do Hospital Nacional de Alienados”.

De acordo com Barbosa (2003), após uma permanência de dois meses no hospício, Barreto volta para sua casa no subúrbio, que era também um hospício, minúsculo, só que mais tristonho e nebuloso, para o literato. Demoraria muito para o escritor comparecer na repartição onde trabalhava, e seus amigos contornaram de tal forma a situação para que este não sofresse prejuízo em seu magro salário que recebia como terceiro oficial. Segundo Barbosa (2003), de novembro de 1918 a janeiro de 1919 o literato permaneceu internado no Hospital do Exército para se tratar, por ter quebrado a clavícula devido a uma crise alucinatória. O literato foi encaminhado por seus amigos da repartição, de onde teria desaparecido fazia um mês, entregando-se à bebida. Neste tempo em que permaneceu no Hospital ocorreram “duas coisas importantes na vida do escritor: o contrato com Monteiro Lobato para a publicação do **Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá** e o decreto do Presidente da República, aposentando-o da secretaria de Guerra” (BARBOSA, 2003, p. 281).

Conforme Barbosa (2003), o literato jamais recebeu alguma proposta para editoração de seus romances, “todos haviam sido publicados por sua própria iniciativa, pedindo, oferecendo, ou pagando ele mesmo a edição. O gesto de Monteiro Lobato era, porém, mais de escritor que de comerciante. De colega para colega” (BARBOSA, 2003, p. 282-283). O autor afirma que Monteiro Lobato havia assumido a direção da **Revista do Brasil**; ao mesmo tempo em que iniciava a sua aventura de editor, o escritor paulista pedira a Lima Barreto, em setembro, que enviasse colaboração. O autor acrescenta que Lima Barreto mesmo no Hospital não encerrou sua atividade jornalística. Por esta época houve a greve geral dos trabalhadores. A imprensa se mostrou em posição contrária aos grevistas, apoiando a

opressão dos policiais. “Nos artigos em solidariedade aos grevistas, que escreveu no hospital, não usa panos quentes. A linguagem é a mesma de sempre. Direta e vigorosa. Dir-se-ia que estava disposto à ação direta” (BARBOSA, 2003, p. 283).

Barbosa (2003) faz comentários a respeito deste artigo dizendo que talvez Lima Barreto tenha pensado tudo isso quando subia “a ladeira de volta para casa por entre as cantigas de roda da meninada da vizinhança, naquela mesma noite de abril de 1919, em que escreveu o artigo, publicado depois em jornal, e que mais parece, pelas confissões que contém uma página de memórias” (BARBOSA, 2003, p. 285). De acordo com o autor, Lima Barreto afeiçoara-se ao subúrbio e as pessoas que lá viviam e iam ter com ele diálogos ou pedir orientações. “[...] não sei porque – escreveu, certa vez – os humildes e os pobres têm-me na conta de pessoa importante, poderosa, capaz de arranjar empregos e solver dificuldades”. Todos o estimavam. Tratavam-no bem, com simpatia e respeito” (BARBOSA, 2003, p. 287) – tanto que muitas pessoas o convidavam para ser padrinho de seus filhos. O autor salienta que no mesmo artigo, em que se despede da Secretaria de Guerra, o literato relata que:

Não fora a grave dor doméstica que me ensombra a existência, eu me daria por verdadeiramente feliz e suficientemente experimentado. Tendo passado diversos meios os mais desconhecidos possíveis, eu me julgo conhecedor bastante das coisas deste mundo, para com os elementos da vida comum, organizar uma outra de meus sonhos, com a qual minore, só no criá-la, a magoa eterna e inapagável que haja talvez em mim e me turve as alegrias íntimas (BARBOSA, 2003, p.287, 289).

De acordo com Barbosa (2003), “é sob este estado de espírito que, ao deixar o Hospital Central do Exército, Lima Barreto acompanha a impressão do **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**”. E conforme o autor, “O **Gonzaga de Sá** significaria assim um objeto de compensação a este sentimento”. Barbosa (2003) acrescenta que “ao contrário dos demais, uma série de circunstâncias favoráveis cercaria o aparecimento do livro”. Este acontecimento de acordo com o autor foi algo incomum na sua vida, foi bem pago por “um trabalho intelectual, recebido, além do mais, por entre aplausos de velhos e novos expoentes da crítica, como João Ribeiro e Tristão de Ataíde” (BARBOSA, 2003, p. 287).¹

Barbosa (2003) ressalta que “como se tudo isso não bastasse, Lima Barreto chegaria mesmo a exigir do mundo burguês uma verdadeira reparação, candidatando-se na vaga de Emilio de Meneses à Academia Brasileira de Letras”. Conforme Barbosa, Lima

¹ Algumas obras do autor: 1) Romances: *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* (1909); *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915); *Numa e a Ninfa* (1915); *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919); *Clara dos Anjos* (1948). 2) Sátira: *Os Bruzundangas* (1923); *Coisas do Reino do Jambom* (1953). 3) Conto: *História e sonhos* (1920); *Histórias e Contos Argelinos* (1952). 4) Artigos e crônicas: *Bagatelas* (1923); *Feiras e mafuás* (1953); *Marginalia* (1953); *Vida urbana* (1953).

Barreto não conseguiu, pois os concorrentes eram mais fortes. Deste modo cabe informar que Afonso Henriques de Lima Barreto somente após ter se aposentado, no ano de 1919, intensificou seu trabalho na imprensa, “escrevendo na **Careta**, no **A.B.C.**, em **Rio Jornal**, n’ **A Notícia**, n’ **O País**, na **Gazeta de Notícias**, pois dessa atividade tira o seu ganha pão, além dos proventos, por sinal bem modestos, que recebia do Estado” (BARBOSA, 2003, p. 295).

Barbosa (2003) relata o que Lima Barreto escreveu em um artigo de jornal nos primeiros dias de Janeiro de 1922. Informou que sofrera um acidente que o fizera ficar em casa sem poder calçar sapato, e que o mesmo de início se sentiu incomodado. Em seguida se conformou com seus livros e até começou a escrever outro, **Clara dos Anjos**, pois havia se comprometido com um amigo para ser publicado na revista **Souza Cruz**. No entanto, não passou de mais um projeto, pois Lima Barreto continuou imobilizado em casa, devido a problemas de saúde. Conforme o autor continuou acamado sem poder sair de casa, só recebia as notícias do que acontecia na cidade por meio dos jornais, ou por amigos que o visitavam. De acordo com o autor, Afonso Henriques de Lima Barreto morreu de parada cardíaca no dia 1.º de novembro de 1922, no Rio de Janeiro.

3.2 TEORIA PSICANALÍTICA E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

3.2.1 Os impulsos, a fixação e estruturação do sujeito

De acordo com Brenner (1987), um impulso é um constituinte psíquico, que quando em ação, produz um estado de excitação psíquica ou, como falamos frequentemente, de tensão. Tal excitação ou tensão conduz o sujeito para a atividade, e ainda que geneticamente determinado, pode ser consideravelmente desorganizada pela experiência individual. A compreensão da estruturação do sujeito passa pela compreensão da dinâmica pulsional ou dos impulsos quando estes podem ser vistos voltados a um estado de cessação da excitação ou ora à tensão ou à gratificação. “A primeira seria a terminologia mais objetiva, a segunda a mais subjetiva. O atributo que possuem os impulsos de impelir o indivíduo à atividade impressionou Freud como sendo análogo ao conceito de energia física, que certamente se define como a capacidade de produzir trabalho” (BRENNER, 1987, p. 33). O autor ressalta que Freud previu que:

Há uma energia psíquica que constitui uma parte dos impulsos, ou que de certa forma deriva deles. Não se deve conceber essa energia psíquica de modo algum como igual à energia física. É meramente análoga a ela nos aspectos que já mencionamos. Ninguém jamais viu a energia psíquica e nunca a verá, do mesmo modo que ninguém nunca viu nenhuma das formas da energia física. O conceito de energia psíquica, como o conceito de energia física, é uma hipótese que tem por propósito simplificar e facilitar nossa compreensão dos fatos da vida mental que podemos observar (BRENNER, 1987, p. 33).

De acordo com Brenner (1987), Freud deu continuidade à analogia em meio a suas hipóteses psicológicas e as da física, ao mencionar sobre a quantidade de energia psíquica com o qual o objeto ou determinado indivíduo estão investidos. O autor ressalta que Freud empregou a palavra alemã *Besetzung*, que, traduzida para o português, significa “catexia”. O significado da palavra catexia é a “quantidade de energia psíquica que se dirige ou se liga à representação mental de uma pessoa ou coisa. Isso significa que “impulso e sua energia são considerados como fenômenos puramente intrapsíquicos. “A energia não pode fluir através do espaço e catexizar ou se ligar ao objeto externo diretamente” (BRENNER, 1987, p. 34). No que se refere ao objetivo, é a obtenção de prazer o que é buscado pelo impulso, ou seja, “o ato de descarga muito específico que faz cessar a condição física de excitação e, assim, produz a satisfação. O objeto de um impulso é aquele instrumento pelo qual ou mediante o qual o impulso consegue atingir a sua finalidade” (FENICHEL, 1982, p. 50). Brenner (1987) afirma em relação às catexias que o que é catexizado espontaneamente são as várias recordações, pensamentos e fantasias do objeto, que abrangem o que denominamos suas representações mentais ou psíquicas. Relacionado a isto, o autor acrescenta que “[...] quanto maior a catexia, mais ‘importante’ é o objeto, psicologicamente falando, e vice e versa (BRENNER, 1987, p. 34).

Deste modo, por terem sido elencadas questões que abarcaram a designação de objeto e as suas funções, é conveniente que se demonstre de que modo este acontecimento está atrelado ao desenvolvimento do sujeito de acordo com os fundamentos da psicanálise. Há mudanças e prevê-se que a libido que catexizou o objeto ou modo de gratificação das fases que antecedem a subsequente de desenvolvimento deste sujeito se desliga pouco a pouco e catexiza em seu lugar, “o objeto ou modalidade de gratificação da fase posterior (BRENNER, 1987, p. 41). Desta forma, o autor informa que “[...] há um fluxo da libido de objeto para objeto e de uma modalidade de gratificação para outra durante o curso do desenvolvimento psicosssexual, fluxo que segue um curso, mas, que pode variar consideravelmente de pessoa para pessoa” (BRENNER, 198, p. 41).

De acordo com Brenner (1987), acredita-se que nem mesmo uma catexia de libido resistente seja totalmente abandonada, podendo migrar para outros objetos. Entretanto, uma porção contínua ligada ao original. A esse fenômeno, isto é, à persistência da catexia libidinal de um objeto de tenra infância ou meninice na vida posterior, denominamos “fixação” da libido (BRENNER, 1987, p. 41). O autor segue exemplificando que há a possibilidade de uma criança do sexo masculino continuar fixada na mãe e dessa forma ficar impossibilitada, na maturidade, de transferir seus sentimentos a uma pessoa do sexo oposto, como é esperado.

Ao abordar questões relacionadas ao investimento libidinal na perspectiva psicanalítica, faz-se necessário explicitar o conceito de fixação. Segundo Dunker (1996), a fixação é a união da constituição sexual associada aos acontecimentos infantis □ seria o que Freud denominava “ponto de fixação”. Deste modo, cabe ressaltar que, de acordo com Freud ([1916-1917], 1996), a “fixação” acontece em certos momentos do “desenvolvimento” do ser humano, tendo início a partir do nascimento até por volta de cinco anos de idade. A fixação em si consiste “[...] na retenção de determinada quantidade de energia libidinal” (FREUD [1916-1917], 1996, p. 366).

A denominação “fixação” sugere frequentemente psicopatologia. “Isso se deve a que a persistência das catexias iniciais tenha sido inicialmente reconhecida e descrita por Freud, e aqueles que o seguiram, em pacientes neuróticos” (BRENNER, 1987, p. 41). As fixações devem também ser entendidas como uma qualidade unânime do desenvolvimento psíquico. Talvez seja mais provável que, quando em proporção excessiva, resulte numa consequência patológica; talvez outros fatores, ainda desconhecidos, determinem se uma fixação se associará com uma enfermidade mental ou não (BRENNER, 1987, p. 41).

Brenner (1987) argumenta que o “fluxo progressivo da libido no curso do desenvolvimento psicosexual também pode produzir um refluxo, o que permite mais bem entender a fixação, para esse refluxo dispõe-se de um nome determinado – “regressão” (BRENNER, 1987, p. 42). Esta designação usada em relação a um impulso remete a uma regressão impulsiva. Esta denominação indica “o retorno a uma modalidade ou um objeto mais remoto de gratificação (BRENNER, 1987, p. 42). O autor ressalta que:

A regressão instintiva se relaciona intimamente com a fixação, uma vez que de fato, quando sucede a regressão, habitualmente ela se faz para um objeto ou modalidade de gratificação ao qual o indivíduo já se fixara. Se um novo prazer se mostra insatisfatório e é abandonado, o indivíduo tende naturalmente a retornar àquele que já foi experimentado e aceito (BRENNER, 1987, p. 42).

A este conceito Brenner (1987) traz uma exemplificação, relatando que a regressão pode ser evidenciada em uma criança na primeira infância ao se dar conta do nascimento de um irmão, com o qual certamente dividirá o amor e a atenção da mãe. No entanto, mesmo que já não utilize mais o dedo para sugar anteriormente ao nascimento do irmão, volta repetir este ato. Nesse episódio, “o objeto mais primitivo de gratificação libidinal para o qual a criança regrediu foi o polegar, enquanto que a modalidade mais remota de gratificação foi sucção” (BRENNER, 1987, p. 42). Com isso, o autor chama a atenção para uma particularidade da sexualidade infantil que é de suma importância, refere-se à relação da criança com “os objetos (principalmente pessoas) de seus anseios sexuais. Para tomar um caso muito simples, se o bebê não pode ter sempre o seio da mãe, logo aprende a se acalmar sugando os próprios dedos da mão ou do pé” (BRENNER, 1987, p. 43). Nesse sentido, cabe acrescentar que “o seio materno vai satisfazer não só a necessidade biológica da alimentação, mas também outros tipos de impulsos como, por exemplo, o prazer de tocar a mucosa bucal [...]” (KUSNETZOFF, 1982, p. 31). A esta capacidade de gratificar suas próprias necessidades sexuais por si mesmo se alude o auto-erotismo.

Brenner (1987) salienta que Freud foi o autor que iniciou de uma forma compreensiva a relação do outro na formação do nosso psiquismo ressaltando a importância dos primeiros contatos da criança com os pais, especificamente a mãe ou um cuidador que realize a maternagem. Já, após algum tempo, as relações entre outros membros da família passam a ser fundamentais na estruturação do psiquismo humano. O autor ainda salienta que a influência maior no psiquismo está diretamente relacionada com as primeiras relações que a criança viveu. Seja o apego da criança a essas pessoas seja por laços de ódio, amor ou ambos. Para a psicanálise é utilizado o termo “objeto” para se referir às coisas que fazem parte do meio externo da criança e que a influenciam psicologicamente, “sejam estas coisas animadas ou inanimadas” (BRENNER, 1987, p. 112). Desta forma, cabe acrescentar que o bebê tem necessidade “do sentido de vinculação entre uma representação sensorial e outra. Para ele a visão, audição, as multivariadas e caleidoscópicas sensações provenientes de infinitas fontes, são fragmentos de uma realidade e por isso são denominadas parciais, e não unificadas” (KUSNETZOFF, 1982, p. 34).

Relacionado a isto, Brenner (1987) acrescenta que no início da vida da criança ela não tem a mesma compreensão do objeto, o que se adquire mais tarde. Sendo que nos primeiros anos a criança não compreende a distância entre ela e o objeto, ou seja, se mistura com o objeto, “isto inclui as várias partes do próprio corpo da criança, isto é, seus dedos,

artelhos e boca” (BRENNER, 1987, p. 112). Esse investimento de libido dirigido a si mesmo foi chamado por Freud (1914) de “narcisismo”.

3.2.2 O desenvolvimento da função sexual e a estruturação do sujeito

Para Freud (1940[1938]), o desenvolvimento praticamente estaria estabelecido por volta dos cinco anos de idade. Este passaria por fases prévias que se constituem nas fases oral, a anal e a fálica. Freud (1940[1938]) constatou que, na “fase” oral, a boca é a zona de satisfação, ou seja, a relação da criança, desde o nascimento até aproximadamente os dois anos de idade, está diretamente ligada à satisfação na oralidade, isto é, “morder, sugar, engolir”. Freud (1940[1938]) destaca que, se a intensidade nessa experiência for demasiada ou faltante, isso causaria na vida adulta personalidades com costumes relacionados à busca de prazer oral, como “fumar, comer, beber e beijar”. Freud (1940[1938]) acreditava que alguns comportamentos exagerados, como “sarcasmo e cinismo”, eram atribuídos a incidentes ocorridos no curso desse estágio. Ou seja, nessa fase, a mãe, por se preocupar com os cuidados necessários com o bebê, oferece alimento quando ele chora. A relação da mãe com o corpo do bebê acontece via oral: boca, língua, palato, primeira porção gastro intestinal. Isto é, nessa fase, a mãe investe libido acentuada na zona oral. A mãe, por meio dos cuidados, diz que a boca é a parte mais importante e o amor da mãe acontece por meio da alimentação.

Já a fase anal é reconhecida também como a fase sádica, é o momento em que a criança vivencia a eliminação pelo aparelho excretor, vivido de forma a expressar a agressividade, pois os “impulsos” estão muito expressivos, de forma a realizar ou liberar a energia, e estão diretamente relacionados ao controle dos esfínteres. Freud (1940[1938]; 1996) “baseia-se” na idéia de que o sadismo compõe uma “[...] fusão instintiva de impulsos puramente libidinais e puramente destrutivos, fusão que, doravante persiste ininterruptamente” (FREUD, 1940 [1938]; 1996 p. 167). Nessa fase, a zona erógena é a anal, segundo a relação “objetal” de atividade e passividade em relação às fezes. A mucosa é passiva quando deixa passar as fezes e ativa quando não deixa. A mãe quer tirar as fraldas e observa a criança. O bebê defeca quando a mãe quer e controla o corpo de acordo com o desejo do outro. A criança tem uma relação com o sujo (a saída das fezes) e o limpo (fazer a higiene). Quando a mãe tira a fralda, a criança tem contato com sua região genital.

Schultz e Schultz (1999) afirmam que os “conflitos” no decorrer da fase anal podem desencadear, na vida adulta, um sujeito com características de um “adulto anal expulsivo”, ou seja, a pessoa pode desenvolver conflitos que o tornam com aspecto de personalidade imunda, esdrúxula, podendo também tornar-se um adulto reprimido, intensamente cuidadoso com a higiene, econômico e compulsivo.

De acordo com Freud (1940 [1938]), a terceira fase é denominada de fálica, sendo antecessora do processo finalizante que a sexualidade assumirá e parecida demasiadamente a ela. O autor afirma que é perceptível que não são os “órgãos genitais” dos dois sexos que realizam uma função nessa fase, mas apenas o masculino, o falo. No entanto, ainda de acordo com o mesmo autor, os órgãos genitais das meninas ficam por longos períodos ignorados “nas tentativas das crianças de entender os processos sexuais” (FREUD, 1940[1938]; 1996, p. 167).

De acordo com Brenner (1987), ao qualificar a natureza do que Freud se propôs explicar sobre os aspectos impulsivos de nossa vida mental, este presumiu a existência de dois impulsos, o sexual e o agressivo, que podem ser observados em todas as manifestações “impulsivas”, sejam normais ou patológicas a um impulso, denominado impulso sexual ou erótico, e o subsequente, impulso agressivo ou destrutivo. O autor argumenta que com essa diferença foi prevista a existência de duas espécies de energia psíquica, a que está adjunta ao impulso sexual é denominada particularmente de “libido”, e a que está anexa ao impulso agressivo é referida como energia agressiva. De acordo com o autor, podem ser relatados aspectos dos dois impulsos que de certa forma estão interligados, ou seja, tem uma correlação com acontecimentos passíveis de observação. O autor afirma que há muitas possibilidades para chegar a tal observação, mas uma forma é igualmente capaz de analisar um aspecto dos impulsos que apontou ser particularmente significativo, tanto para a teoria como para a prática, qual seja seu desenvolvimento.

Para Brenner (1987), a pulsão está atividade no bebê, e influencia o comportamento e clama por gratificação, este mais tarde produz desejos sexuais no adulto, com todo sofrimento e êxtase. Já o impulso agressivo mostra a mesma capacidade de fixação e regressão, e a mesma transição de oral a anal, e a fálica. Contudo, é reconhecido mais tarde, na fase fálica e genital, como modos de manifestação de suas descargas enquanto possibilidade de prazer.

Freud (1940[1938]; 1996) relata que é no período da fase fálica e mesmo durante o seu processo que a sexualidade infantil atinge o auge e vai, aos poucos, chegando ao processo de dissolução, ou seja, deixando um pouco de lado a fase auto-erótica para poder

passar pelo processo de identificação com outro. O autor fala desta relação objeto-criança e se refere ao narcisismo “sadio”. O objeto teria a energia ou a libido, que nada mais é que a liberação ou investimento do sujeito para com este objeto, e que na perda do objeto, a libido pode recair sobre o próprio sujeito. Brenner (1987), ao falar do desenvolvimento entre objeto e a criança, diz que sabemos que nos primeiros anos de vida a criança só está ligada no objeto que de alguma forma venha suprir suas necessidades ou lhe dê algo, ou seja, a criança está na fase egocêntrica. Quando a criança é bem pequena, ela procura o objeto por razões ou necessidades, mais tarde a mãe é “psicologicamente importante de maneira contínua e não mais apenas acasual” (BRENNER, 1987, p. 114).

De acordo com Brenner (1987), no início da vida, a relação da criança com o objeto não é total, mas sim parcial, quer dizer, partes fragmentadas; com o tempo a criança teria condições de ver o objeto integral e ela separada do objeto. “Uma das características importantes dessas primeiras relações de objeto é seu alto grau do que chamamos ambivalência” (p. 114). O autor relata que esta ambivalência é que alterna amor e ódio para com o mesmo objeto e isto em menor grau leva-se para a vida toda. Os sentimentos conscientes pelo objeto refletem muitas vezes a metade da ambivalência, enquanto a outra metade permanece inconsciente, embora esta tenha efeitos poderosos sobre a vida mental do indivíduo. O autor diz que outro ponto da relação com o objeto é o processo de identificação.

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal (FREUD [1925-1926], 2006, p.115).

Dunker (1996) relata que Freud destina uma valorização especial às experiências sexuais infantis, julgando que tais experiências estão diretamente interligadas com a libido dos neuróticos na fase adulta. E, de acordo com Freud (1923[1925]), na fase fálica ocorrem o complexo de Édipo e o de castração. Na criança do sexo masculino ocorrem ao mesmo tempo os dois complexos; já no sexo feminino de início sucede o complexo de castração e em seguida o complexo de Édipo; ou seja, ocorrem em momentos distintos na menina. A castração, segundo o autor, é a separação da criança com a mãe, e o reconhecimento das diferenças. O complexo de Édipo em ambos os sexos é o momento em que as leis são introjetadas. Freud ([1916-1917], 1996) descreve as experiências infantis em que as crianças se defrontam mentalmente com a vivência da castração.

Diante das explicitações referentes à castração e o Complexo de Édipo, é conveniente esclarecer a procedência do superego. Conforme Fenichel (1998), a procedência do ego e a procedência do senso de realidade são meramente dois aspectos de um mesmo passo de desenvolvimento, estes como sendo inseparáveis: “[...] como aquela parte da psique que manipula a realidade. O conceito de realidade é que também cria o conceito de ego: somos indivíduos na medida em que nos sentimos nós próprios separados de outras pessoas” (FENICHEL, 1998, p.31).

Uma vez elencado sobre a procedência do ego a partir das formulações psicanalíticas, cabe descrever neste momento de que forma ocorre a formação do superego. Conforme Brenner (1987), “do ponto de vista do ego, o estabelecimento das identificações que formam o superego é um grande auxílio aos seus esforços defensivos contra os impulsos do id que ele luta para dominar”. Brenner (1987) afirma que o complexo de Édipo desencadeia algumas implicações específicas na vida mental, e uma dessas implicações resulta na formação do superego. Tais implicações são as identificações que a criança internaliza “dos aspectos morais e proibições impostas pelos pais ou substitutos” no decorrer ou no final do complexo de Édipo. Tais proibições e aspectos morais correspondem, de modo geral, “ao que comumente chamamos de consciência e esta abrange funções morais da personalidade”. De acordo com o autor, estas funções são:

(1) a aprovação ou desaprovação de ações e desejos baseados na retidão, (2) auto-observação crítica, (3) a auto-punição, (4) a exigência de reparação ou arrependimento por haver agido mal, e (5) auto-elogio ou auto estima como recompensa por pensamentos e ações virtuosas ou recomendáveis (BRENNER, 1987, p. 125).

O autor acrescenta que é de opinião que as funções do superego são, muitas vezes, em grande parte ou totalmente inconscientes (BRENNER, 1987, p. 125).

Brenner (1987) supõe que o id funcione de acordo com o processo primário no decorrer da vida do sujeito e o ego do mesmo modo o faz nos primeiros anos de vida, quando sua organização é imatura e, naturalmente, ainda muito semelhante ao id – do qual acabou de brotar – em seu funcionamento (BRENNER, 1987, p. 60). Neste momento é relevante esclarecer o significado de id do modo como Freud utilizou essa expressão “para designar o modelo de referência do eu, simultaneamente substituto do narcisismo perdido da infância e produto da identificação com as figuras parentais e seus substitutos sociais” (ROUDNESCO, [1944], 1998, p. 362).

O autor ressalta que a expressão “processo primário” pode fazer referência ou a determinado tipo de pensamento que é característico da criança quando seu ego ainda é imaturo, “ou devido à energia do impulso, quer libidinal quer agressiva, se desloque e descarregue no id ou no ego imaturo (BRENNER, 1987, p. 60). Deste modo o autor salienta que as catexias do impulso que estão adjuntas ao processo primário são altamente instáveis. Acredita-se que esta instabilidade catéxica seja responsável por duas distinções “marcantes do processo primário: (1) a tendência a gratificação imediata (descarga de catexia) característica do id e do ego imaturo, e (2) a facilidade com que a catexia pode ser deslocada de seu objeto original ou de um método de descarga no caso” (BRENNER, 1987, p. 61) estando impedidas ou inacessíveis, para ser descarregada através de um percurso equivalente ou muito distinto.

Brenner (1987) acrescenta em relação à primeira distinção que “a tendência à gratificação imediata ou descarga da catexia é a nota claramente dominante na tenra infância e na meninice, quando as funções do ego ainda são imaturas e a [...] tendência à descarga imediata da catexia é característica do id durante toda a nossa vida” (BRENNER, 1987, p. 61). O autor se refere em seguida à segunda distinção, salientando que a descarga da catexia pode ser sem nenhuma dificuldade trocada e exemplifica relatando que quando uma criança “[...] que suga o polegar e quando não consegue obter o seio ou a mamadeira. A acatexia da energia do impulso associada ao impulso de sugar se dirige primariamente, isto é, primeiro para as representações psíquicas do seio ou da mamadeira” (BRENNER, 1987, p. 61). Desta forma, de acordo com o autor, a catexia é flexível, mas se a catexia não puder ser realizada por meio do sugar do seio ou da mamadeira, por não estar acessível ela se deslocará para o dedo da criança, que está ao seu alcance, e ela fará a sucção como um substituto, concluindo-se desta forma a descarga da catexia.

Já no “processo secundário”, de acordo com Brenner (1987), faz-se referência a um determinado tipo de pensamento característico do ego adulto, “ou a processos de associação ou mobilização da energia psíquica que se acredita ocorrer no ego maduro” (BRENNER, 1987, p. 60). Segundo o autor, ao levar em conta o processo secundário, conclui-se que se revela uma situação de episódios bem distintos. E se dá destaque na disposição de atrasar a descarga de energia catéxica

Brenner (1987) salienta que Freud, com sua investigação, garantiu que a diferenciação do ego tem início entre seis a oito meses de vida, “estabelecendo-se de modo completo na idade de dois ou três anos” (BRENNER, 1987, p. 51). Mas em Freud, “[...] com o nascimento, demos o primeiro passo de um narcisismo absolutamente auto-suficiente para a percepção do mundo externo cambiante e para os primórdios da descoberta dos objetos”

([1920-1922], 2006, p. 140). De acordo com o autor, em seus estudos sobre a neurose, vê-se que o sujeito é este constante. Fenichel (1998), ao esclarecer os estudos de Freud referentes à formação do ego, salienta que a criança desde o nascimento, ao experimentar as sensações de frio e fome, bem como outras sensações desagradáveis como o sono, e outros estímulos, é levada a um estado de tensão e, daí, à tendência a livrar-se da tensão.

3.2.3 Psicopatologia psicanalítica, neurose, psicose e perversão

De acordo com Brenner (1987) o descobrimento de que a sexualidade infantil é um fenômeno natural, do mesmo modo “levou Freud a novos e interessantes conceitos” a descrição do desenvolvimento de conceitos que tem peculiaridade tanto do “desenvolvimento normal, bem como do anormal. Assim de um lado, foi atenuada a lacuna “entre o normal e psiconeurótico, e de outro, permitiu a formulação das origens das perversões sexuais e sua relação com o normal.” (BRENNER, 1987, p.189).

Conforme Brenner (1987), Freud concluiu que no percurso do desenvolvimento do sujeito normal, alguns elementos da sexualidade das crianças são reprimidos, “enquanto os restantes, durante a puberdade, integram-se na sexualidade adulta sob a permanência dos órgãos genitais”. No desenvolvimento dos indivíduos que mais tarde se tornaram psiconeuróticos, o processo de repressão era exagerado. No entanto, suspeitava-se que se a repressão uma vez que fosse demasiada, produzia uma condição inconstante, de maneira que, na vida adulta, “em consequência a algum acontecimento que a precipitava, a repressão falhava, deixando escapar, pelo menos em parte, os impulsos sexuais infantis, indesejados, e determinando os sintomas psiconeuróticos” (BRENNER, 1987, p. 189). Finalmente, durante o desenvolvimento dos indivíduos que se tornavam pervertidos sexuais, havia uma persistência anormal, na vida adulta, de certos componentes da sexualidade infantil, como, por exemplo, exibicionismo ou erotismo anal (BRENNER, 1987, p. 189).

O conceito de repressão é base da teoria psicanalítica. De acordo com Kusnetzoff (1982), repressão (recalque) foi o primeiro e amplo mecanismo de defesa que Freud investigou que incide em ato de expulsão em nível consciente da representação acoplada à pulsão. Essa expulsão do nível consciente é um verdadeiro esforço, um trabalho feito pelo aparelho psíquico para manter no inconsciente essa representação, porque a entrada da mesma na consciência poderia provocar desprazer.

De acordo com Brenner (1987), quando Freud iniciou o tratamento de pessoas mentalmente doentes, a psiquiatria havia sido iniciada há pouco tempo. A designação diagnóstica, demência precoce, acabava de ser introduzida na literatura psiquiátrica; a neurastenia era o rótulo favorito da maioria das enfermidades, posteriormente denominadas psiconeuroses. O autor afirma que desde meados de 1900, Freud mostrou interesse clínico em particular pelas inquietações mentais, que nomeou de psiconeuroses, tendo quase deixado de lado o estudo das chamadas neuroses atuais. Já na sua monografia referente à ansiedade (1926), confirmou que a classificação da neurose de angústia continuava válida e era ocasionada por excitação sexual sem a devida satisfação. O autor acrescenta que Freud não amparava a idéia de que a neurose de angústia era unicamente um distúrbio bioquímico endócrino. Afirmou ser o oposto, atribuindo o surgimento da ansiedade, que formava o principal sintoma da suposta neurose a um mecanismo meramente psicológico.

Na conferência “XXII - Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão”, Freud ([1916-1917], 1996) descreveu as causas que levam à configuração de uma neurose. Já na XXIII conferência, nomeada “Os caminhos da formação de sintomas”, o autor demonstra por meio de um esquema, conforme exibido a seguir, quais as vias possíveis da formação de sintomas.

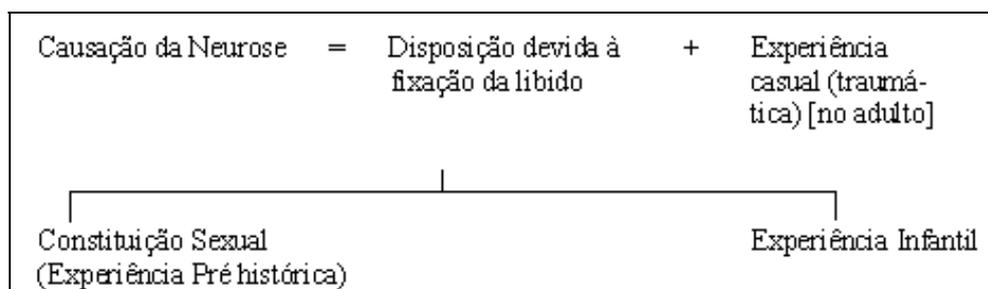


Figura 2 – Esquema constitucional

Fonte: Pesquisa Documental (FREUD [1916-1917], 1996), p. 360).

Freud ([1916-1917], 1996), na Conferência XXIII, diz que os sintomas na neurose são conseqüências de um “conflito” surgido do impedimento da satisfação da libido entre o interno e o externo, surgindo assim outra forma de satisfação libidinal, via sintoma, como uma possibilidade no momento. O autor ainda ressalta que um componente do conflito é a libido que não se realizou, isto é, que não foi aceita pela realidade, e que segue outros caminhos para se satisfazer, ou seja, “[...] o conflito surge pela frustração em conseqüência da

qual a libido, impedida de encontrar satisfação é forçada a procurar outros objetos e outros caminhos” (FREUD [1916-1917], 1996, p. 353).

Dunker (1996) confirma a conclusão que Freud (1916-1917) alcançou em seus estudos de que a constituição sexual e o acontecimento infantil estão diretamente ligados à fixação. Por este motivo, fixação mostra e encobre concomitantemente a castração. De acordo com o autor, Freud conceitua acontecimento acidental a partir do pressuposto de que ocorre uma situação que aciona o quadro neurótico, um evento que encontra o ponto de fixação, e o ativa, ou seja, um acontecimento novo da vida se une a uma inscrição já existente de um acontecimento infantil, acionando a geração de sintomas. O fator que provoca o sintoma é uma re-resposta à castração. Dessa forma, Freud ([1916-1917], 1996) salienta que é possível, na análise, constatar que a “[...] libido dos neuróticos está ligada às suas experiências sexuais infantis”, e explica que as experiências infantis são muito significantes para a vida dos seres humanos. Mas não é só essa experiência a única causa da neurose. Freud ([1916-1917], 1996) ainda esclarece que, uma vez olhando as experiências de uma criança, percebe-se que elas “têm suas neuroses”. Elas aparecem muitas vezes, logo após um acontecimento traumático, algumas vezes ou na maioria das vezes, e “[...] são consideradas sinais de criança má ou arteira” (FREUD, [1916-1917], 1996, p. 366). O autor relata que teve oportunidade de se deparar com neurose infantil ainda na infância, “quando estavam realmente presentes”; entretanto, com o adocimento do adulto, era possível conseguir uma apreensão “diferida” de neurose quando este ainda era criança. No caso da neurose, se ela aparece na vida do adulto, na análise, ela emerge como sequência da “doença infantil”, mas em alguns sujeitos essa neurose infantil segue um processo contínuo, que perdura toda a vida. Desse modo, cabe acrescentar que:

[...] devemos pensar que seria inconcebível a libido regressar de forma tão regular ao período da infância, a menos que haja ali algo que exerça sobre ela uma atração. A fixação, que supomos estar presente em determinados pontos do curso do desenvolvimento, só tem significado se considerarmos que ela consiste na retração de determinada energia libidinal (FREUD [1916-1917], 1996, p. 366).

Assim, para Freud ([1916-1917], 1996) há casos em que o ponto principal do desencadeamento da neurose reside nas “experiências sexuais infantis” e, ao mesmo tempo, ocorrem outros “casos” em que o principal desencadeamento são as experiências ocorridas após conflitos infantis; “[...] na análise, a ênfase dada às impressões da infância aparece como sendo inteiramente obra da regressão” (FREUD [1916-1917], 1996, p. 367).

De acordo com Brenner (1987), Freud seguiu no decorrer dos anos seu trabalho de investigação sobre as neuroses com seus pacientes, e foi gradativamente ampliando suas teorias por pelo menos trinta anos. Freud chegou à conclusão de que os sintomas histéricos e obsessivos eram provocados por um episódio esquecido do passado “cuja emoção concomitante nunca fora adequadamente descarregada” (BRENNER, 1987, p.186). Em seguida adicionou a isto “a formulação decorrente de observações e reflexões posteriores que para ser patogênica, qualquer experiência ou acontecimento psíquico deve repugnar ao ego a tal ponto que este o procure afastar e contra ele se defender” (BRENNER, 1987, p.186).

A contribuição seguinte às formulações de Freud relativas à psicopatologia das psiconeuroses resultou do fato de que suas experiências em busca do acontecimento patogênico esquecido, levaram-no invariavelmente de volta a um acontecimento na infância do paciente, relativo à sua vida sexual (Freud [1896-1898], BRENNER, 1987, p.187).

De acordo com Brenner (1987), Freud (1906) nunca deixou de lado o conceito de que as causas das psiconeuroses na vida dos adultos (firmam-se) por algum conflito da vida sexual quando o sujeito ainda é criança. O autor acrescenta que “Freud admitiu, de fato, que tanto os fatores constitucionais, como os experimentais contribuem para a etiologia das psiconeuroses e que em certos casos predominam uns e em outros casos predominam outros” (BRENNER, 1987, p.187, 188).

Dunker (1996) diz que para Freud esse acontecimento accidental da infância não é tão casual assim, ou seja, o fato é casual, mas para que ocorra a fixação é necessário que ocorra uma inscrição anterior que possibilite o representante ser capturado. Segundo Freud ([1916-1917], 1996), não existe uma única causa que torne possível entender como se formam as neuroses e qual seu efeito, mas sim alguns fatores. Ao ter abordado as formulações que Freud concluiu em relação à psicopatologia das psiconeuroses, cabe explicitar também os conceitos freudianos referentes ao desenvolvimento das psicoses. Conforme Nasio (2001), “a teoria freudiana do narcisismo nasceu da observação psicanalítica dos perversos, das crianças e, acima de tudo, dos doentes esquizofrênicos e paranóicos (2001, p. 37). Nasio (2001, p.38) relata que o “termo narcisismo deriva da descrição clínica e foi originalmente escolhido por Paul Nacker em 1899 para designar a perversão que consiste em tratar o próprio corpo como se trata um objeto sexual” foi utilizado por Freud, inicialmente em 1911, para esclarecer “[...] a ruptura entre o eu paranóico e a realidade externa (NASIO, 2001, p. 38). O autor acrescenta que:

O narcisismo é uma concentração da libido no eu, que priva o psicótico de qualquer vínculo com o mundo. A energia libidinal que superinveste o eu passa, então, a não mais ser empregada para produzir uma fantasia, como no neurótico, mas desencadear um delírio de grandeza (NASIO, 2001, p. 38).

De acordo com Nasio (2001), Freud, em 1914, desdobrou o conceito de narcisismo para um campo mais vasto do desenvolvimento natural “[...] do eu, o que o levou a modificar radicalmente a teoria das pulsões. Foi justamente o narcisismo que levou Freud a abandonar a distinção ‘pulsões sexuais/pulsões do eu’, dando preferência em lugar dela, oposição entre ‘pulsões de vida e pulsões de morte’” (NASIO, 2001, p. 38).

Manifestações psicóticas como o delírio ou a alucinação não são efeitos imediatos de uma dada causa, mas consequências derivadas da luta travada pelo eu para se defender de uma dor insuportável (NASIO, 2001, p. 36). O estado psicótico é, para Freud, uma doença da defesa; é a expressão mórbida da tentativa desesperada que o eu faz para se preservar, para se livrar de uma representação inassimilável, que à maneira de um corpo estranho, ameaça sua integridade (NASIO, 2001, p. 36). Para Freud, portanto, “o eu da psicose divide-se em duas partes: uma rejeitada e perdida, como um pedaço arrancado, e outra que alucina esse pedaço como uma nova realidade” (NASIO, 2001, p.36). Diante do exposto, é relevante acrescentar que:

Os autores de orientação psicodinâmica tendem a dar ênfase à perda de contato com a realidade como dimensão central da psicose. O psicótico, nesta perspectiva, passaria a viver fora da realidade, sem ser regido pelo princípio de realidade, mas viveria predominantemente sob a égide do princípio do prazer e do narcisismo (DALGALARRONDO, 2000, p. 201).

Deste modo, cabe estar ressaltando que “a principal forma de psicose, pela sua frequência e importância clínica, é certamente a esquizofrenia” (DALGALARRONDO, 2000, p. 201). Conforme o autor, foi-se distinguido quatro tipos de esquizofrenia.

A forma paranóide, caracterizada por alucinações e idéias delirantes principalmente de conteúdo persecutório. A forma catatônica, marcada por alterações motoras, hipertonía, flexibilidade cerácea e alterações da vontade, negativismo, mutismo e impulsividade. A forma hebefrênica com caracterizada por um pensamento desorganizado, comportamento bizarro e afeto pueril. Finalmente definiu-se um tipo simples, no qual, apesar de faltarem sintomas característicos, observa-se um lento e progressivo empobrecimento psíquico e comportamental, com autonegligência, embotamento afetivo e distanciamento social (DALGALARRONDO, 2000, p. 202).

De acordo com Dalgalarrodo (2000), o significado sucinto da esquizofrenia, seus sintomas principais e típicos, o que é mais característico e vital, têm sido objeto de intensas discussões em psicopatologia.

Desta forma, é pertinente descrever o conceito de perversão. Fenichel (1998) salienta que Freud foi quem deu início às averiguações das perversões, bem como quem descobriu a sexualidade infantil e apontou a igualdade na infância das finalidades sexuais dos pervertidos. “[...] Nas perversões, a sexualidade é substituída por um dos componentes da sexualidade infantil; o que constitui o problema são a causa e a índole desta substituição.” (FENICHEL, 1998, p. 304).

De acordo com Fenichel (1998), a perversão foi constatada por alguns estudiosos anteriormente à psicanálise, que comentaram “[...] o fato de que os atos perversos são distorção unilateral e exagerada de atos que, de modo menos exclusivo e menos preciso, também ocorrem no comportamento sexual das pessoas normais; particularmente, nas atividades preliminares ao coito” (FENICHEL, 1998, p. 304). Fenichel (1998) afirma que a reprovação das perversões como “inferioridades constitucionais” demonstra, “[...] entre outras atitudes, a tendência universal à repressão da sexualidade infantil” (FENICHEL, 1998, p. 304).

Fenichel (1998) acrescenta que a finalidade da sexualidade perversa é igual a da sexualidade na infância; a possibilidade de todo ser humano vir a ser pervertido em certas condições se enraíza no fato de ter sido criança. De acordo com o autor, os pervertidos são indivíduos que têm sexualidade infantil e não adulta, em decorrência de uma permanência no desenvolvimento, ou de regressão. “[...] O fato das perversões se desenvolverem com frequência, como reação a decepções sexuais indica a afetividade da regressão” (FENICHEL, 1998, p. 304). O autor descreve que os sujeitos “[...] que reagem a frustrações sexuais com regressão à sexualidade infantil são pervertidos; aqueles que reagem com outras defesas ou que outras defesas empregam após a regressão são neuróticos” (FENICHEL, 1998, p. 304).

Ao ter explicitado acima sobre perversão, é relevante discutir sobre sadismo e masoquismo, visto que estes estão diretamente relacionados a tal designação. Deste modo, “a inclinação a infligir dor ao objeto sexual, bem como sua contrapartida, que são as mais frequentes e significativas de todas as perversões, foram denominadas por Krafft-Ebing em formas ativa e passiva, de “sadismo” e “masoquismo” (passivo) (FREUD [1901-1905], 2006, p.149). De acordo com o mesmo autor, as denominações indicadas por Krafft-Ebing “colocam em primeiro plano o prazer em qualquer forma de humilhação ou sujeição (FREUD [1901-1905], 2006, p.149). O autor ainda ressalta que o sadismo corresponde a um artifício invasivo

autonomizado e excessivo da pulsão, que se move por deslocamento para um lugar com mais peso que outro. O conceito de sadismo alterna, “na linguagem corriqueira, desde uma atitude meramente ativa ou mesmo violenta para com o objeto sexual até uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus-tratos a ele infligidos” (FREUD [1901-1905], 2006, p.150). Conforme Freud ([1901-1905], 2006), de forma exata apenas este último caso citado faz jus ao nome de perversão.

De modo igual, a denominação de “masoquismo” “abrange todas as atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, a mais extrema das quais parece ser o condicionamento da satisfação ao padecimento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual (FREUD [1901-1905], 2006, p. 150). Neste mesmo contexto, o autor acrescenta que:

O masoquismo enquanto perversão parece distanciar-se mais do alvo sexual normal do que sua contrapartida; em primeiro lugar, pode-se pôr em dúvida se ele aparece alguma vez como fenômeno primário, ou se, pelo contrário, surge regularmente do sadismo mediante uma transformação. É frequente poder-se reconhecer que o masoquismo não é outra coisa senão uma continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume, para começar, o lugar do objeto sexual. A análise clínica dos casos extremos de perversão masoquista mostra a colaboração de uma ampla série de fatores (como o complexo de castração e a consciência de culpa) no exagero e fixação da atitude sexual passiva originária. A dor, que com isso é superada, alinha-se com o asco e a vergonha que se opunham à libido como resistência (FREUD [1901-1905], 2006, p. 150).

O sadismo e o masoquismo ocupam entre as perversões um lugar especial, já que o contraste entre atividade e passividade que jaz em sua base pertence às características universais da vida sexual (FREUD [1901-1905], 2006, p.150).

4 MÉTODO

A metodologia utilizada na presente pesquisa buscou fundamentos para responder à seguinte pergunta: quais aspectos são identificados na estruturação do sujeito segundo a Psicanálise a partir da história de vida de Afonso Henriques de Lima Barreto?

4.1 CARACTERIZAÇÕES DA PESQUISA

Este trabalho é de caráter exploratório, já que teve o intuito de investigar como se estrutura o psiquismo e como essa estrutura interfere e é relacionada à Saúde Mental do sujeito. Deste modo, a pesquisa utilizou o delineamento bibliográfico. Conforme Gil (1995, p. 65), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Essa pesquisa também tem um caráter exploratório, pois:

As pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 1999, p. 43).

Esta pesquisa caracterizou-se pela investigação (estudo) que resultou em respostas ao problema de pesquisa, por meio de bibliografia teórica de orientação psicanalítica. Desta forma, este estudo bibliográfico aplicou o método qualitativo, sendo imprescindível destacar que:

Os qualitativistas afirmam seja a superioridade do método que conforme uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, ações a configuração das estruturas sociais, seja incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e dos fenômenos únicos (HAGUETTE, 2001, p. 63).

Confirmando o exposto, é necessário acrescentar que “os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser” (HAGUETTE, 2001, p. 63).

4.2 FONTES DE INFORMAÇÃO

A fonte utilizada nesta coleta de dados para a pesquisa foi o **Diário íntimo**, texto que o literato deu início em (1903) e que se estendeu até 1921. No entanto cabe informar, que no interior do Diário Intimo constam algumas obras fictícias que o literato não concluiu, as quais não foram analisadas. O Diário Íntimo está inserido na obra **Um longo sonho do futuro**, Barreto (1881-1922). Os dados coletados possibilitaram identificar aspectos da estruturação do sujeito a partir da história de vida de Afonso Henriques de Lima Barreto. A pesquisa utilizou como instrumento de coleta de dados a “História de Vida”, “uma ferramenta de pesquisa que possibilita a coleta de dados contidas na vida pessoal de um ou mais informantes Estas informações podem ser de biografia relatada por terceiros e por si mesmo os feitos vividos pela pessoa” (CHIZZOTTI, 2000, p. 95).

O uso da história e vida como meio de pesquisa tem evolução crescente. Introduzida pela Escola de Chicago, em 1920, e desenvolvida por Znaiescki, na Polônia, foi preterida pelas técnicas quantitativas e proscrita dos meios de pesquisa. A partir dos anos 60, a história de vida procura superar o subjetivismo impressionista e formular o estatuto epistemológico, estabelecer as estratégias de análise do vivido e constituir-se em método de coleta de dados do homem concreto (CHIZZOTTI, 2000, p. 96).

Desse modo, a “História de Vida” atende mais aos propósitos do pesquisador que do autor e está preocupada com a fidelidade das experiências e interpretações do autor sobre seu mundo (HAGUETTE, 2001, p. 80). A autora afirma que a “História de Vida” é capaz de ser especialmente vantajosa por “[...] fornecer-nos palpites (*insights*) sobre o subjetivo de muitos estudos e sugerir novas variáveis [...]” (HAGUETTE, 2001, p. 82). O instrumento utilizado na coleta de dados foi o fichamento, e as fichas foram armazenadas em formato eletrônico.

Por meio da História de Vida, a partir do **Diário íntimo** de Afonso Henriques de Lima Barreto e com apoio na obra **A vida de Lima Barreto**, de Francisco de Assis Barbosa, foi realizada a análise de dados por meio da Interpretação Hermenêutica, que “[...] consiste na explicação e interpretação de um pensamento” (MINAYO, 1999, p. 219). De acordo com Minayo (1999), a “interpretação” pode se caracterizar pela análise literal dos sentidos por meio de um código linguístico ou com um tema, procurando uma “[...] compreensão simbólica de uma realidade a ser penetrada [...]” (MINAYO, 1999, p. 220).

A Hermenêutica consiste na explicação e interpretação de um pensamento. Interpretação pode se caracterizar pela análise literal dos sentidos por meio de um código linguístico ou com um tema, procurando uma compreensão simbólica de uma realidade a ser penetrada. Os pressupostos de Hans-Georg Gadamer, de que a linguagem constitui o núcleo central da comunicação. Seus pressupostos são de que o homem como ser histórico é finito e se complementa na comunicação. Mas a compreensão dessa comunicação também é finita: ocupa um ponto no tempo e no espaço (MINAYO, 1999, p. 219, 220).

A seguir, são descritos os estágios utilizados na análise de dados, de acordo com Minayo (1994). Os estágios de interpretação hermenêutica-dialética serão observados no procedimento de tratamento e análise dos dados desta pesquisa.

a) **Primeiro nível de interpretação:** diz respeito à compreensão da “conjuntura socioeconômica e política da qual faz parte o grupo social a ser estudado. Essas determinações serão definidas já na fase exploratória desta pesquisa” (MINAYO, 1994, p. 77). No caso deste estudo, referiu-se à “conjuntura socioeconômica” em que viveu o literato Afonso Henriques de Lima Barreto.

b) **Segundo nível de interpretação:** diz respeito ao encontro com os fatos surgidos na investigação, como a história do grupo, suas condutas, costumes (MINAYO, 1994, p. 78). No caso desta pesquisa, essa interpretação refere-se à história do literato Afonso Henriques de Lima Barreto.

A fim de realizar esses níveis de interpretação referentes à história de vida do literato Afonso Henriques de Lima Barreto, após várias leituras do texto **Diário íntimo**, seus conteúdos foram organizados em temas e sub-temas que possibilitassem a compreensão hermenêutica. Tal organização do material está distribuída em quatro grandes temáticas denominadas de: Lima Barreto o produtor literário; A vida doméstica de Lima Barreto; O olhar de Lima Barreto sobre o cotidiano e a política e A vida íntima de Lima Barreto e encontra-se em correspondência ao que indica Minayo (1994) no procedimento da pesquisa hermenêutica, a classificação dos dados. Deste modo, pode-se cotejar o procedimento à indicação sobre organização de categorias de acordo com Gil (2008), que diz que nem sempre as categorias podem ser definidas de imediato, já que a sua construção exige uma leitura exaustiva que permita o domínio do conteúdo, o que permitirá contrastá-lo com o Marco Teórico. Sendo assim, a organização das classes desta pesquisa foi *a posteriori*;

consideraram-se os objetivos propostos, o referencial teórico e o conhecimento sobre o conteúdo analisado.

Por último, ainda de acordo com Minayo (1978), foi realizada a Análise Final. Nesse momento estabeleceram-se articulações “entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa”, respondendo ao problema de pesquisa com base em seus objetivos. A seguir, pode ser observado na Figura 3 com os temas e subtemas, organizados a partir da leitura do texto do livro o **Diário íntimo**. Tais temas, depois de organizados, foram debatidos à luz da teoria psicanalítica no que tange às suas indicações sobre como se dão os processos de estruturação do sujeito.

Relacionado a isso, vale lembrar que uma vez sendo a presente pesquisa organizada por meio da hermenêutica, as temáticas, indubitavelmente, também tiveram sua origem na própria teoria que as fundamenta. De acordo com a autora, o resultado na conclusão de uma pesquisa, ainda que seja excelente, “deve ser sempre encarado de forma provisória e aproximativa”. “Esse posicionamento por nós partilhado se baseia no fato de que, em se tratando de ciência, as afirmações podem superar conclusões prévias a elas e podem ser superadas por outras afirmações” (MINAYO, 1994. p. 79). Deste modo é relevante estar apresentando os temas e sub-temas, que foram organizados com vistas a análise dos dados para o alcança dos objetivos da pesquisa.

Tabela 2 □ Temas e sub-temas

TEMAS	Sub-temas (continua)
LIMA BARRETO, O PRODUTOR LITERÁRIO	Livros
	Produção de um curso de Filosofia
	Revistas
	Teatro
A VIDA DOMÉSTICA DE LIMA BARRETO.	O pai
	A mãe
	A companheira do pai
	Os irmãos
	Contas a receber e a pagar
	Pagamento de dívidas
	Empréstimo
	Vendas de livros

	Recebimento de dinheiro
O OLHAR DE LIMA BARRETO PARA O COTIDIANO E A POLÍTICA	Academia
	Sociedade
	Cidade
	Amigos
	Relação entre as pessoas
	Trabalho
	Segurança pública
	Críticas a figuras públicas
	Polícia
	Exército
	Colégio Militar
	Escravidão
	Militares
	A VIDA ÍNTIMA DE LIMA BARRETO
Homem	
Melancolia	
Insatisfação	
Morte	
Satisfação	
Desgosto	
Mundo	
Suicídio	
Alcoolismo	
Saúde	
Loucura	
Pouco dinheiro	
Precisa de dinheiro	
Auto-depreciação	

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Afonso Henriques de Lima Barreto, literato pré-modernista do século XX, foi autor de várias obras escritas em forma de romances fictícios, crônicas e contos. O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise dele como pessoa, utilizando-se do referencial teórico na perspectiva psicanalítica. Pretende-se buscar uma compreensão da estruturação de Lima Barreto como sujeito, sabendo que este viveu situações que o colocaram em uma condição diferenciada, até mesmo com certo brilhantismo, pois as obras que construiu são reconhecidas no cenário brasileiro.

Como foi apresentado no capítulo anterior, a leitura do **Diário íntimo**, em que o literato escreve sobre si mesmo e informa sua percepção sobre as coisas, possibilitou um olhar sobre quatro grandes temáticas, compondo o capítulo que é agora apresentado. Tais temáticas foram organizadas em quatro vertentes que abordam a produção de Lima Barreto, sua vida, sua família, sua apreciação da sociedade e parte do que escreve sobre si mesmo.

5.1 LIMA BARRETO, O PRODUTOR LITERÁRIO

A partir da leitura do **Diário íntimo** e da subsequentemente organização de seus conteúdos em temas e sub-temas, a opção para realização da presente análise é primeiramente o fato de Lima Barreto ter sido um grande literato. O romancista, como será visto mais adiante, chamou atenção por ser controverso devido a fatores como o histórico do alcoolismo, ser negro e de família simples. Apesar disso, em 1911, escreveu em dois meses a obra denominada **Triste fim de Policarpo Quaresma**, que de início era editada em folhetins do jornal **O Comércio da Tarde**. Nota-se em seus textos que era obstinado por um ideal: o de ser escritor. Assim, no primeiro trimestre de 1916, Lima Barreto publicou essa obra bancando todas as despesas com a editoração, pedindo dinheiro emprestado com uma e outra pessoa, por não conseguir quem a patrocinasse. Como diz o próprio autor: “Emendei-o como pude e nunca encontrei quem o quisesse editar em livro. Em fins de 1915, devido a circunstâncias e motivos obscuros, cisme em publicá-lo. Tomei dinheiro daqui e dali [...]” (BARRETO, 1916, p.127).

Percebe-se que para ser reconhecido publicamente, Afonso Henriques de Lima Barreto não mediu esforços. A publicação de **Triste fim de Policarpo Quaresma** teve por parte do próprio literato a distribuição de muitos exemplares. Em busca de sua ascensão, Lima Barreto continuou escrevendo, e muitos de seus trabalhos continuaram sendo publicados em folhetins. Para a Psicanálise, quando uma pessoa produz muito, esta investe grande dispêndio de energia, e a este esforço Freud denominou de sublimação. Brenner (1987) afirma que na sublimação a pessoa substitui alguma coisa que proporcionava prazer, mas que não fora satisfeito por outro. Ou seja, refere-se aqui de um impulso sexual na infância que Lima Barreto substituiu na escrita como forma de gratificação em sua vida adulta.

Uma tentativa de aprofundar a compreensão, aquilo que à primeira vista é entendido como sublimação pode ganhar riqueza sobre outros processos relacionados quando se faz uma aproximação com o modo de produção do autor. No decorrer da leitura do **Diário íntimo**, chama atenção a dificuldade do romancista com relação ao término de muitas de suas obras. Exemplo disso é quando Lima Barreto se propõe, em 1903, escrever sobre a escravidão no Brasil, que ficou somente no projeto. O autor iniciava algumas obras, concomitantemente, escrevia de dois a três romances e se detinha em dois ou três capítulos, e por vezes não concluía nenhuma delas. Chama a atenção, especificamente, a sua produção sobre a escravidão. Lima Barreto deixa entrever que se tratou de um projeto postergado e, como se sabe, não realizado, quando anota que “no futuro, escreverei a **História da escravidão negra no Brasil** e sua influência na nossa nacionalidade” (BARRETO, 1903, p. 12).

Ainda em relação à sua produção, esta pode ser vista como intenções de ordem acadêmica quando o literato elaborou um projeto de um curso de filosofia, e se empenhou organizando a grade curricular. Este curso era composto de vários temas filosóficos, e dividido em algumas etapas, mas também não chegou a colocá-lo em prática. O próprio literato expõe: “O curso será feito segundo a história do pensamento filosófico, devendo cada época ser representada pela opinião dos seus mais notáveis filósofos” (BARRETO, 1903, p.14, 15).

Já com referência à criação de revistas, o autor editou três números de **A’Floreale**, que era distribuída quinzenalmente, mas não passou também destas poucas edições. Barbosa (2003) comenta que além desta revista, o romancista, juntamente com alguns colegas da Politécnica, lançou outras duas ou três revistas, mas que não alcançaram os objetivos propostos.

A partir do exposto, é possível deduzir que na primeira infância, Lima Barreto teve quebras ou cortes de investimento libidinal. Pois como será visto mais adiante em toda a

sua obra, deixa manifestado o quanto o impactaram as consequências das perdas deste. Neste sentido, em uma primeira aproximação compreensiva, pode-se relacionar esta quebra ou cortes da libido quando Freud ([1916-1917], 1996) diz que os sintomas na neurose são fruto de um conflito surgido pelo impedimento da satisfação da libido entre o externo e o interno, e que uma parte do conflito não aceita a realidade e segue outros caminhos para a satisfação libidinal. Atrelando isso à relação objetal, Brenner (1987) menciona que uma parte da libido permanece ligada ao original, esta ligação da catexia libidinal que persiste no objeto da infância e na maturidade é denominada de fixação da libido. Para Freud ([1916-1917], 1996), fixação é a retenção de uma determinada porção de energia libidinal.

Sobre esta compreensão da relação das quebras de Lima Barreto na sua produção, mas ao mesmo tempo todo um investimento na mesma, Brenner (1987) argumenta que o “fluxo progressivo da libido no curso do desenvolvimento psicosssexual também pode produzir um refluxo, o que permite mais bem entender a fixação; para esse refluxo dispõe-se de um nome determinado – ‘regressão’” (BRENNER, 1987, p. 42). Esta designação usada em relação a um impulso remete a uma regressão impulsiva. Esta denominação indica “o retorno a uma modalidade ou um objeto mais remoto de gratificação” (BRENNER, 1987, p. 42). O autor ressalta que:

A regressão [impulsiva] se relaciona intimamente com a fixação, uma vez que de fato, quando sucede a regressão, habitualmente ela se faz para um objeto ou modalidade de gratificação ao qual o indivíduo já se fixara. Se um novo prazer se mostra insatisfatório e é abandonado, o indivíduo tende naturalmente a retornar àquele que já foi experimentado e aceito (BRENNER, 1987, p. 42).

Pode-se inferir que Lima Barreto continuou fixado à mãe, uma vez que houve quebras de investimento libidinal na infância. Pode-se inferir também que, na vida adulta, regride aos momentos em que a libido não se realizou ou não encontrou satisfação, ou seja, foi frustrada. Estas interrupções poderiam ser repetições da interrupção dramática, do investimento da libido na figura materna levada pela morte, interrupções estas que vão se repetindo na vida do literato, nos lugares onde morou, nos colégios, no afastamento dos irmãos e do pai. Assim o romancista demonstra, muitas vezes, na produção literária a interrupção em muitas de suas obras, bem como outros trabalhos que permanecem somente em projetos, não os colocando em prática.

O modo de produção de Lima Barreto ainda é possível relacionar ao que Brenner (1987) afirma sobre o impulso ser um estruturante do psiquismo. Durante o tempo em que este está em ação produz um estado de excitação ou (tensão) no psiquismo. São tais

excitações ou tensões que impulsionam o sujeito para agir, ou seja, desenvolver qualquer atividade. Aqui se percebe que Lima Barreto é impulsionado a produzir devido à excitação dos impulsos psíquicos. O autor acrescenta que a atividade do impulso, ainda que seja geneticamente determinada, pode ser consideravelmente desorganizada pela vivência de cada sujeito, ou seja, é singular.

Pode-se perceber com referência às interrupções de Lima Barreto em suas produções, que estas estão diretamente ligadas às suas experiências singulares. A isto pode ser relacionado, como será visto mais adiante, que o literato tal como o pai o literato se entrega ao alcoolismo como saído para suas dificuldades. Ou seja, o que pode ser de uma compreensão fácil, o alcoolismo como uma conseqüência genética, ganha toda uma riqueza quando se debruça sobre detalhes que fizeram parte de sua vivência, inclusive em relação com o seu pai, para muito além das questões genéticas.

Mesmo diante destas dificuldades inferidas pode-se dizer que Lima Barreto teve vários reconhecimentos com sua produção. Na obra **Um longo sonho do futuro**, também de Afonso Henriques de Lima Barreto, entre suas cartas que foram também publicadas, encontram-se duas que chamam a atenção, pois se percebe que estas impulsionaram sua produção a partir de 1919. A primeira carta é de Monteiro Lobato,² convidando-o para que fosse um colaborador da **Revista do Brasil**, mencionando que necessitavam de gente que escrevesse contos, romances, mas à moda do **Policarpo**. A segunda, também de Monteiro Lobato, informa que publicaria a sua obra, **Triste fim de Policarpo Quaresma**, e que havia recebido a sua carta, junto dos originais.

Sobre isso, Barbosa (2003) informa que após a sua aposentadoria em 1919, Lima Barreto intensificou sua contribuição na imprensa. No entanto, na **Revista A.B.C.** trabalhou desde 1916, e só parou quando morreu. O autor ainda diz que seu trabalho nesta época teve um caráter menos profissional e por isso muito interessante. “São artigos políticos e literários que constituem, na verdade, o que há de melhor no Lima Barreto polemista, a par dos que publicou em outros periódicos da época, ‘revistas e jornais modestos’, nos quais podia escrever com inteira liberdade sobre fatos, homens e coisas do tempo” (BARBOSA, 2003, p. 295).

² José Bento Monteiro Lobato, escritor brasileiro de literatura infantil e jornalista, nasceu em Taubaté, São Paulo, em 18 de abril de 1882.

5.2 A VIDA DOMÉSTICA DE LIMA BARRETO

O texto do **Diário íntimo**, como pode ser visto, traz dados sobre como o literato Lima Barreto conduzia sua produção literária, e traz também dados que tornaram possível compreender como Lima Barreto conduzia situações de seu cotidiano, sobretudo o familiar. Em relação à sua vida financeira, Lima Barreto mostrava a preocupação de fazer um orçamento doméstico. Em vários momentos em sua obra, aparecem seus orçamentos sobre as contas que tinha a pagar, como aluguel, médico, dívidas de seu pai, empréstimo de dinheiro com pessoas e no banco Monte Pio. Exemplo disso pode ser o seguinte fragmento, em que o autor descreve: “Fui à ilha, pagar dívidas de papai; paguei-as uma a uma; Hoje vou pagar ao J... P... o último dinheiro que meu pai lhe deve. Procedeu conosco como um carrasco. Aborreceu-me e acirrou-me como um agiota” (BARRETO, 1905, p. 21, 59).

Em nota de rodapé do **Diário íntimo** há uma observação que indica que Lima Barreto fazia empréstimos com agiotas, especificamente para pagar o texto da publicação de **Triste fim Policarpo Quaresma**. Esses valores eram descontados na sua folha de pagamento da Secretária de Guerra local onde por muito tempo trabalhou, e que continuaram a ser descontados ainda após a sua aposentadoria. Como o próprio autor escreve: “Fiz o empréstimo no Montepio, em março de 1915; Devo unicamente ao Lima, pela impressão do **Policarpo**, a quantia de quatrocentos e quarenta e dois mil réis” (BARRETO, 1917, p. 121, 130).

Afonso Henriques de Lima Barreto elaborou da mesma forma uma relação das contas a receber, anotando seu salário, do seu pai e de seu irmão, e sobre as vendas de seus livros. Como presenteava as pessoas com suas obras, organizava uma lista com os nomes de cada uma delas, relacionando também as vendas das obras com os nomes dos compradores, como o de alguns livreiros. Percebe-se que o romancista tinha a percepção da realidade abrangente das coisas e se mostrava organizado perante ela; procurava, apesar das dificuldades, manter em dia suas obrigações financeiras. Contudo, as anotações permitem observar certa ansiedade no tocante a conseguir pagar tantas dívidas, ou mesmo a dificuldade de se ver com as mesmas.

Com o adoecimento de seu pai, Afonso Henriques de Lima Barreto assumiu as responsabilidades da casa. Assumiu a posição de provedor de uma família numerosa quando era ainda jovem, com aproximadamente dezenove anos. Esta nova condição obriga-o a parar de estudar e procurar trabalho para manter a família, composta de três irmãos, seu pai, e a

companheira de seu pai com três filhos. Percebe-se que Lima Barreto não aceita a companheira de seu pai, sente-se traído por ele ter substituído sua mãe. Percebe-se isto quando diz que “E a meu pai nunca perderei essa sua ligação com essa boa negra Prisciliana, que grandes transtornos trouxe à nossa vida” (BARRETO, 1904, p. 44).

Nesta escrita, pode-se perceber que Lima Barreto tem o mesmo sentimento de quando era criança, ou seja, já pequeno relata que interferia nas decisões do pai, e esta mesma conduta o romancista mantinha na vida adulta, em face dos mesmos conflitos. Em relação a tais conflitos na infância, Barbosa (2003) relata que Lima Barreto certa vez, em um fim de semana, voltou do colégio e tirou sua irmã do castigo, ao qual a criada havia colocado, diz para o pai que a criada estava sobrando, ou seja, que não havia espaço para outra mulher naquela casa e deveria mandá-la embora. Como o literato escreveu:

Dolorosa vida a minha! Como me tem sido difícil reprimir a explosão. A Prisciliana e filhos, aquilo de sempre. Sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos, veio em parte talvez prender o desenvolvimento superior dos meus. Só eu escapo! (BARRETO, 1904, p. 17).

Como se vê, revela um grande desafeto por Prisciliana. Demonstra em suas páginas que ela não era digna de estar convivendo com eles. Diante do exposto, percebe-se que Lima Barreto, também já desde a infância, não aceitava que outra mulher tomasse o lugar de sua mãe. Em outro momento, escreve que foi com esta que aprendeu o “a”, “b”, “c”. Assim, pode-se inferir que Lima Barreto não aceitava outra mulher que não tivesse a mesma condição intelectual que sua mãe possuía, já que sua mãe foi professora e por um tempo era dona de um colégio.

Essa não aceitação de outra mulher no espaço de sua família é expressada várias vezes por Lima Barreto em seus escritos. Aqui também pode ser feita alguma relação com a ansiedade referida ao modo como Lima Barreto se remete ao pagamento de suas dívidas. Ou seja, a pobreza e as dificuldades financeiras vivenciadas, que tinham uma dimensão de realidade, podem ser relacionadas também a outro tipo de pobreza vivenciada pelo literato, relativa à sua perda materna na infância. Pode ser a pobreza real um modo de expressar (incessantemente) uma pobreza de afetos, que afinal procurou solução ao longo de sua vida.

De modo a aumentar essa visão das faltas vividas por Lima Barreto, Barbosa (2003) relata que Amália, mãe do romancista, no parto do primeiro filho por pouco não morreu, e a criança viveu apenas oito dias. O parto deixou sequelas graves que comprometeram sua locomoção, obrigando-a a usar muletas, e sua saúde ficou fortemente abalada. O pai de Lima Barreto, na tentativa de recuperar a saúde de sua esposa Amália,

mudava de um lugar para outro, onde indicassem que havia ar puro ou um bom banho de mar. No entanto, Amália faleceu quando o literato tinha pouco mais de seis anos de idade, em dezembro de 1887.

Ao fato de Lima Barreto fazer posicionamentos em relação à companheira do pai, pode-se inferir ao que Brenner (1987) diz referente às identificações que a criança internaliza no decorrer ou no final do Complexo de Édipo. De acordo com o autor, quando ocorre a formação do superego, a criança adquire alguns aspectos da personalidade dos pais. Aqui, Lima Barreto se auto-elogia, julga-se superior e se identifica com a mãe, que tinha um grau de conhecimento mais elevado que a atual companheira do pai, e logo não aceita esta última.

Assim, um pouco mais sobre a dimensão da perda materna por Lima Barreto pode ser compreendido quando Barbosa (2003) comenta que poucas vezes Lima Barreto demonstrou afeição filial por mulheres; mas quando era criança foi assistir com seu pai a assinatura da Lei Áurea em 13 de Maio de 1888. Nessa ocasião viu a princesa Isabel, e a descreveu com carinho, falou que aparentava um ar maternal. Outro episódio importante foi sua entrada no primário, quando demonstrava por sua professora amor filial. Barbosa (2003) compara Lima Barreto ainda a um protagonista autobiográfico que demonstrou o mesmo sentimento pela professora, a qual possuía as mesmas características da primeira, os olhos azuis.

Pode-se inferir que Lima Barreto poucas vezes permitiu substituir o amor que sentia pela mãe, ou seja, poucas mulheres puderam ocupar o espaço que sua mãe ocupou. A partir do exposto, pode-se relacionar o que diz Brenner (1987), que a constância “da catexia libidinal” de um objeto quando se é criança, na vida adulta é denominada de “fixação” da libido. De acordo com o autor é possível um infante masculino continuar fixado na mãe e ficar impossibilitado, na maturidade, de transferir seus sentimentos a uma pessoa do sexo oposto, como é esperado. Aqui se pode refletir importância de que a compreensão sobre isto ocorra de um modo sempre aproximado ao máximo dos detalhes das condições que cercam essas fixações.

Sobre a ligação que Lima Barreto tinha com sua mãe, Barbosa (2003) relata um depoimento do romancista em relação à sua mãe Amália, quando este diz que:

Durante toda a minha vida, [minha mãe] fez-me muita falta. Talvez fosse menos rebelde, menos sombrio e desconfiado, mais contente com a vida, se ela vivesse. Deixando-me ainda na primeira infância, bem cedo formou-se o meu caráter; mas, em contrapeso, bem cedo me vieram o desgosto de viver [...] (BARBOSA, 2003, p. 62).

A perda da mãe, evidentemente é algo que ser atribuído como um elemento abalador do modo como se constituiu como sujeito. Mas a doença de seu pai, que mantém Lima Barreto sempre também deve ser aqui relacionada. O literato se remete a este fato se lamenta dizendo que não acredita que seu pai pudesse voltar a ter saúde. Barbosa (2003) relata que o pai de Lima Barreto adoeceu em 1902, quando trabalhava na Colônia de Alienados, e nesse espaço João Henriques mensalmente prestava conta das despesas. No último dia do mês seus cálculos no livro caixa não fechavam, faltando uma pequena quantia, deixando-o preocupado nos últimos dias, com ar sombrio. Sobre essa relação sombria diante da realidade assumida por João Henriques, Barbosa (2003) diz que certa noite a família despertou com seus gritos [de seu pai], delirando com medo de que a polícia fosse prendê-lo, e daí para frente seu pai não se recuperou mais. O próprio literato descreve em vários momentos de sua vida o impacto sofrido pela doença de seu pai: “Pobre de meu pai! Uma vida cheia de trabalhos, de afanosos trabalhos, acabar assim nesse misterioso sofrimento que me compunge!” (BARRETO, 1905, p. 50). Em outro, também registra que o próprio romancista escreve: “O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare” (BARRETO, 1914, p. 119).

Afonso Henriques de Lima Barreto sentia-se muito amargurado sempre que tinha que voltar para casa, descrevia o lar como se este fosse um lugar que lhe causava angústia, sentia um peso muito grande em ter que cuidar da família e se deparar com o pai doente. Como ele mesmo escreve: “Dolorosa vida a minha! Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Minha casa ainda é aquela dolorosa geena³ pra minh'alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice” (BARRETO, 1904, p. 17).

É perceptível na sua fala que estar em casa não era algo prazeroso. Deparar-se com o pai doente lhe causava sofrimento, logo um homem que sempre trabalhou muito, que lutou para manter o sustento da família, ficar em estado de inércia impossibilitado para qualquer coisa é algo que pode ter sido inaceitável para o literato. Sobretudo quando este pai, com a queda da monarquia, teve que abandonar seu trabalho como tipógrafo da Imprensa Liberal, pois monarquista fervoroso se sentiu exilado em sua própria pátria.

Afonso Henriques de Lima Barreto ficou à frente da família, tomou para si toda responsabilidade por esta ainda muito jovem. Fez tudo em prol para que tivessem o mínimo de dignidade, assumiu as responsabilidades do pai, que estava impossibilitado pela demência. Tal condição pode colocá-lo em um tipo de vivência a qual pode ser conferida sua dificuldade

³ Geena: inferno, lugar de tormentos. *Fig.* Sofrimento, dor.

de localização enquanto pessoa, enquanto produtor e enquanto organizador de um projeto pessoal. Pode-se inferir que Lima Barreto tinha dificuldades de se deparar com as perdas, a mesma dificuldade que seu pai teve com a morte de sua esposa, e percebe-se isto quando Barbosa (2003) relata que João Henriques de Lima Barreto, pai do romancista, depois de muito tempo, ainda remoía a mágoa e se lamentava da morte da esposa.

Pode-se inferir ainda que se a morte da mãe o abalou fortemente na infância, a doença do pai na sua juventude também o afetou com a mesma intensidade ou mais. Pois neste lamentável incidente, Lima Barreto ao ter parado com os estudos na Politécnica, ter-se responsabilizado pelo sustento da família, colocou por terra o grande sonho de seu pai. João Henriques incentivava-o, desde sua infância, para que fosse doutor com anel de “pergaminho e tudo”, já que ele próprio, João Henriques, não conseguiu atingir o objetivo de ser médico, devido às dificuldades que enfrentou com o adoecimento da sua esposa. João Henriques desejava que seu filho não tivesse o mesmo destino. Pode-se inferir que Lima Barreto teve muita dificuldade para estabelecer identificação com seu pai, tendo em vista a própria compungência ou vivência da dor do pai, tomando a frente em seu curso de vida.

Freud ([1925-1926], 2006) diz que a “identificação é a expressão de um laço afetivo com outra pessoa, e a criança do sexo masculino mostrará interesse especial pelo pai. Parece que Lima Barreto gostaria de ser como ele, mas precisou tomar o lugar dele em tudo, ou seja, toma seu pai como ideal o que teve um custo muito grande. Percebe-se que o literato, quando assume as responsabilidades do lar, é tomado por exigências muito fortes do pai, mas numa perspectiva superegóica, pois toma para si todas as responsabilidades e exigências do cargo que seu pai deveria exercer na família.

Já em relação à sua escolha acadêmica, o raciocínio anterior também parece válido. Pode-se inferir que Lima Barreto, para não perder o amor do pai, toma a princípio o ideal de ego de seu pai, mas não consegue alcançar seus objetivos já que frequentou o curso de engenharia, porque assim seu pai desejou que este fosse engenheiro e doutor, mas nunca empreendeu nessa área.

5.3 O OLHAR DE LIMA BARRETO PARA O COTIDIANO E A POLÍTICA

Lima Barreto, além da obstinação por escrever, era apreciador de teatro. Por sempre estar observando as coisas, descreve minuciosamente a atuação dos autores. Muitas

observações de Lima Barreto sobre a arte do teatro são críticas positivas, outras aludindo se o ator tinha talento ou se não interpretava de acordo com o esperado na encenação. Como o próprio romancista diz:

Domingo, fui ao *Papa Lebonnard*, drama em quatro atos de Jean Aicard. É um drama de moldes velhos, feito por um autor novo e de talento. A Lucinda, a minha querida Lucinda, um gosto que foi meu pai quem mo deu, fez o papel com uma sobriedade, com uma elevação, que admira em língua português (BARRETO, 19, p.59).

Em outro texto, o romancista escreve:

Ontem, fui ao teatro. Há muito tempo que não ia. Quase há três anos. Fui com o Marques Pinheiro, irmão do Rafael Pinheiro. Levou-me ao teatro e fui à caixa. Nunca tinha ido aí. É interessante. Há uma desordem que agrada. Batem, sacodem, arrastam panos. O contra-regra grita com uma atriz que está ao colo de um cavalheiro (BARRETO, 1911, p.108).

Lima Barreto em sua aproximação com o teatro tomou gosto por certa atriz devido aos elogios que seu pai atribuiu a ela. Também tinha como hábito ir à casa de amigos que liam peças de teatro. Lima Barreto ainda gostava de ler sobre diversos assuntos. Na escola estava sempre na biblioteca lendo, e seu pai nesta época presenteava-o todo fim de semana com um livro da coleção de Julio Verne.⁴ Pode-se constatar que na maturidade não perdeu o hábito de ler, e em muitos fins de semana se trancava no quarto em volta dos livros, ou organizando sua coleção de “retalhos”, nome que Lima Barreto deu para os recortes dos artigos de revistas e jornais que organizava em um caderno.

À denominação de retalhos para recortes de jornais e revistas, organizados sistematicamente por Lima Barreto, pode-se inferir uma significação de que a ação por parte do literato era de unir ou resgatar partes de sua própria vida, ou seja, “re-talhos”. A isso pode ser relacionado ainda que as condições pessoais de Lima Barreto podem situá-lo como uma pessoa envolvida em uma série de dificuldades; este também pode ser visto em seus textos com uma personalidade meticulosa e com grande dedicação a detalhes no modo como fazia coisas. Nessa mesma, diversa era sua capacidade de observação do cotidiano que o cercava, fosse a qualidade de vida comum à cidade, fosse o mundo da efervescente política do país.

Afonso Henriques de Lima Barreto descreve a organização da cidade com os mínimos detalhes, faz críticas sobre o modo em que se deu o desenvolvimento do Rio de Janeiro após a primeira Guerra Mundial. Barbosa (2003) relata que o literato tinha o hábito de comprar

⁴ Julio Verne, escritor francês de histórias de aventuras e mistérios.

revistas e jornais estrangeiros sempre que podia. Pode-se dizer que sua visão de mundo era fruto de uma crítica fundamentada em dados históricos, obtidos da experiência brasileira e das leituras de jornais estrangeiros.

As críticas e observações de Lima Barreto giravam em torno do modo como ocorriam as mudanças urbanísticas, demonstrando que não era a favor da urbanização vertical, bem como da derrubada de árvores e dos morros para o aterro da Bahia de Guanabara. Discorria largamente que a cidade deveria permanecer como estava. Suas observações e críticas em torno da nova estética arquitetônica do Rio frisavam que o Brasil não possuía seu próprio modelo e copiava dos americanos. Como ele mesmo escreve:

Somos de uma estupidez formidável. O Rio não precisa de semelhantes edifícios. Eles são desproporcionados com as nossas necessidades e com a população que temos. Mas a mania de imitarmos os Estados Unidos leva-nos a tais tolices (BARRETO, 1910, p.131).

Lima Barreto demonstrava descontentamento com tais mudanças que visavam o desenvolvimento da cidade, dizendo que o Rio de Janeiro perderia seu encantamento. Para ele era inconcebível que construíssem prédios altos, porque modificaria a beleza natural do Rio de Janeiro. Barbosa (2003), em seus escritos, também traz um trecho sobre a apreciação feita por Lima Barreto sobre a cidade: “Uma cidade como a nossa, semeada de colinas pitorescas, arborizadas ou não que formam o seu verdadeiro encanto se seguirem tais construções, em breve perderá os seus horizontes originais e ficará como qualquer outra” (BARBOSA, 2003, p. 299).

Barbosa (2003) ainda comenta que o romancista discordava de todo aquele sonho de grandiosidade, pois um país que se encontrava à beira da falência com uma população carente, precisando de tudo, não poderia chegar ao ponto de gastar o que não tinha; indignava-se por almejarem ostentar tanto luxo. Barbosa (2003) concorda que Lima Barreto estava possuído de razão, pois a maioria das mudanças visava à recepção do Rei Alberto que estaria presente, e em seguida ocorreria a comemoração dos cem anos da independência.

Lima Barreto, na sua insistente contrariedade à renovação da cidade do Rio de Janeiro, deixa entrever que no seu entendimento as mudanças destruiriam o passado dessa cidade. A isto pode ser relacionado também ser incomodado pelas transformações em seu passado, e o modo como elas ocorreram. Afonso Henriques de Lima Barreto estava alerta às mudanças impostas pela República recém-instalada, a qual continuava com a detenção de poder da classe dominante e da igreja. Barbosa (2003) relata que Lima Barreto não era contra

o catolicismo em si, mas sim contra a aliança que a igreja mantinha com a política; denunciava as vacilações e os desvios da Igreja, em um momento “decisivo para a humanidade em que os homens de boa vontade, os simples e os puros, da categoria de Lima Barreto, procuravam desesperadamente tateando na escuridão o caminho a seguir” (BARBOSA, 2003, p. 329).

Lima Barreto protestava através dos pequenos jornais de pequena circulação, nos quais podia dizer aos que detinham o poder pelo menos a sua verdade. Acreditava que, se os socialistas, anarquistas e positivistas não resolviam a situação, muito menos poderia o catolicismo, pois no momento a igreja possuía uma íntima relação com o clero da capital.

No que diz respeito à academia, Lima Barreto descreve com precisão a arquitetura da Politécnica, faz comentários sobre os companheiros no início do ano letivo, nas conversas entre eles, conta que os assuntos eram variados “sem razão e sem causa” falavam de tudo e de todos, contavam vantagens diversas. Relata coisas mais corriqueiras, como no início do semestre, quando havia muitos que compareciam no primeiro mês e retornavam somente no início do ano seguinte para conversar. Já os que estavam iniciando ficavam com os olhos muito abertos, querendo mais do que o regulamento prometia.

Com referência a amigos, Lima Barreto possuía poucos, muitos de classe social privilegiada. Visitava-os quando podia nos fins de semana, uns não moravam no Rio de Janeiro, e por isso deslocava-se de trem. Nestes encontros discutiam variados assuntos, mas habitualmente se encontrava nos cafés da moda no Rio de Janeiro. Faz referência a muitos deles, descrevendo suas características físicas ou intelectuais. Como o literato escreve: “Cada vez mais simpatizo com esse Alcides. É inteligente, ilustrado, estudioso, delicado de sentimentos. Ele é muito diverso da maioria dos jornalistas e rapazes de letras com quem tenho relações” (BARRETO, 1905, p. 58).

O literato Lima Barreto mantinha também contato com alguns amigos por meio de correspondência. Monteiro Lobato foi um amigo com quem Lima Barreto se correspondeu por mais de três anos; tais cartas estão publicadas na obra **Um longo sonho do futuro**. Diante do exposto, pode ser constatada a preocupação do literato no processo de modernização do Rio de Janeiro, em que suas críticas deixavam transparecer a preocupação social e com o bem estar da população menos favorecida. Pode-se inferir que Lima Barreto se identificava com as pessoas humildes e da mesma classe social que a sua por enfrentar também as mesmas necessidades, pois o mesmo estava em constante busca, ou seja, buscava incansavelmente ter uma vida financeira estável para suprir suas necessidades e de sua família. Pode-se inferir aqui que Lima Barreto também demonstra a mesma pobreza de afetos. Pode ser relacionado

que estaria ele revivendo o modo de relação (objetal) que tinha com a mãe (faltante), possivelmente um lugar conhecido no qual ficasse mais à vontade, ou que sempre retornava a fim de encontrar sustentação, para seus empreendimentos pessoais.

Lima Barreto também fazia críticas às mais notórias autoridades que compunham o governo brasileiro, à igreja ou ao mais simples soldado. O momento político em que Lima Barreto viveu foi um momento conflituoso, em que imperava a força e o poder. Explicando esse momento político, o romancista diz: “A polícia arrepanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Toda a violência do governo se demonstra na ilha das Cobras. Inocentes vagabundos são aí recolhidos, surrados e mandados para o Acre” (BARRETO, 1904, p. 24).

De acordo com Lima Barreto, o povo ou se submetia às regras impostas ou era punido severamente pelas autoridades. O literato parecia não poder assistir aos fatos que aconteciam na sociedade e ficar em silêncio, demonstrava indignação com a violência que as autoridades exerciam sobre as pessoas. Ele mesmo atesta: “Quase ao chegar ao Largo da Carioca, assisti uma cena de que já me ia desabitando. Três soldados do Exército em grande gala forçavam os vendedores ambulantes a lhes darem a sua fazenda gratuitamente” (BARRETO, 1905, p. 40).

Percebe-se também que o romancista não se intimidava ao denunciar a conduta das autoridades, suas críticas se remetiam contra a desigualdade social. Lima Barreto defendia o povo humilde que trabalhava para o próprio sustento em fábricas, ou aqueles que trabalhavam como vendedores ambulantes. O romancista, em 1918, foi a favor da greve geral, escrevendo um artigo no qual se manifestou contra o chefe de polícia, dizendo que este não podia se opor à liberdade das pessoas pensarem, ou se reunirem para conquistar um melhor salário. Afonso Henriques de Lima Barreto foi um pregador da revolução e seu discurso era convicto de conhecimento de causa. Mas se detinha, não ia à luta propriamente dita, como colegas da Secretaria de Guerra. Contudo, o Lima Barreto polemista se justifica, após sua aposentadoria, por meio de um artigo no jornal. Ou seja, teve seu lugar de destaque na escrita, mas não alcançou lugar central na liderança diante da defesa, diante das autoridades às quais o povo era subjugado. Uma ação atente pode ser visto em Lima Barreto, mas sem poder mergulhar de todo nas causas, tal como se deu também no seu desempenho como escritor.

5.4 A VIDA ÍNTIMA DE LIMA BARRETO

O texto do **Diário íntimo** de Lima Barreto traz, em diversos momentos, análises do literato sobre si mesmo. A partir de recortes do que mais chamaram atenção nessas análises, denominou-se tais análises do literato sobre si mesmo de “vida íntima”, em consonância ao modo como Lima Barreto chamou todo o conjunto dos seus textos. No **Diário íntimo** pode ser destacado que Afonso Henriques de Lima Barreto, ao trabalhar na Secretaria de Guerra, desenvolvia suas funções sem prazer, não gostava de tal ocupação, submeteu-se a trabalhar após ter deixado de estudar na Politécnica devido à doença de seu pai, por ter de sustentar a família. O romancista, trabalhando como burocrático, redigia portarias, decretos e avisos. Pode-se destacar que seu desejo era escrever seus livros. Como escreve: “Estou na secretaria a aborrecer-me com os decretos; levemos a cruz ao Calvário, por amor ao meu pai” (BARRETO, 1905, p. 59).

Trabalhar na Secretaria de Guerra certamente ia contra sua consciência pacífica e crítica. Lima Barreto demonstra em seus textos irritação com as histórias de militares que lia e ouvia na repartição onde trabalhava. Muitas vezes se deparava com situações na rua, onde os militares coagiam as pessoas. Tais situações o deixavam ainda mais angustiado, pois na realidade o romancista demonstrava ânsia em escrever, e queria ser reconhecido como literário. Todavia, sua condição de provedor, tendo uma família para sustentar, sentindo-se obrigado a manter-se em uma função que lhe causava repugnância, não encontrava outra saída a não ser continuar trabalhando na Secretaria de Guerra. Como escreve o romancista: “Agita-me a vontade de escrever já, mas nessa secretaria de filisteus, em que me deboçam por causa da minha pretensão literária, não me animo a fazê-lo. Fá-lo-ei em casa” (BARRETO, 1905, p.60). E em outro texto: “Tenho por ela [a Secretaria de Guerra] um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha. Não sei o que hei de arranjar para substituir aquilo, e a minha gana de sair de lá é tão grande que não me promovem, não me fazem dar um passo à frente” (BARRETO, 1914, p.119).

Porém sentia-se angustiado, preferia ganhar menos, a estar à disposição dos militares, pois não suportava a opressão e violência imposta contra a sociedade; era contra a bajulação destinada aos que detinham poder e dinheiro. Porém ainda que Lima Barreto não gostasse do seu trabalho, manteve-se no mesmo até que se aposentou. Não eram os companheiros e nem mesmo os diretores, era o militarismo que fazia com que ele se sentisse

deslocado, indo contra a sua consciência. No decorrer de sua vida, Afonso Henriques de Lima Barreto enfrentou dificuldades financeiras, em muitos dias não tinha dinheiro nem mesmo para comer carne ou mesmo qualquer alimento. “Acordei-me da enxerga em que durmo e difícil foi recordar-me que há três dias não comia carne. Li jornais e lá fui para a sala dar as aulas, cujo pagamento tem sido para mim sempre uma hipótese” (BARRETO, 1903, p.12).

Percebe-se que na sua trajetória de vida as dificuldades eram ininterruptas por seu salário ser insuficiente para manter uma família numerosa. Lima Barreto, em determinado momento, escreve que precisava de dinheiro, ainda que fossem “cem contos”. Além de trabalhar na Secretaria de Guerra, lecionava em um colégio para aumentar sua renda. Pode-se inferir aqui que a pobreza vivida por Lima Barreto não é somente a pobreza material. É possível também que seja uma pobreza de objetos, que como será visto mais adiante tiveram repercussão na sua capacidade de investimento junto às pessoas em geral e às mulheres. A pobreza pode advir de suas vivências singulares.

Em relação à sexualidade, Lima Barreto pode ser visto em seus escritos como alguém que sempre se colocou como observador de várias mulheres. Elas não eram alheias à sua trajetória de vida. Percebe-se que Lima Barreto, ao descrever as mulheres, observava atentamente a silhueta e traços fisionômicos, mostrando-se exigente em questão da beleza feminina: “Há uns tempos a esta parte, vai se dando uma curiosa coisa. Na rua, nos bondes, nos trens, eu me interesso por certas moças e às vezes por cinco minutos chego a amá-las. Procurolhes a moradia” (BARRETO, 1905, p. 46). Passava em frente a um botequim por dias seguidos onde estava sempre uma francesa. Nota-se em seu texto que passou a interessar-se por ela, descrevendo-a como “magra e alourada”, e ele chama a sua própria atenção dizendo, quando escreve sobre isso, “Afonso! Afonso!”. Em certo momento no texto, registra: “Amanheci mal, tive até um sonho erótico. Saí às nove horas, fui à missa na igreja da Glória. Como estivesse embotado com a má noite que passei” (1905, p. 63-64).

Barbosa (2003) relata um depoimento do literato retirado de uma de suas obras, o **Diário de hospício**, em que aborda o fato de não ter vivido um relacionamento estável com nenhuma mulher: “Eu me indago, de mim para mim, se, por acaso não é amor que me corrói. Mas vejo bem que não. Passei a idade de tê-lo, fugindo dele, para que ele não me criasse sofrimento e não prejudicasse a minha ambição de glória” (BARRETO, 1920, p. 174).

Barbosa (2003) em relação a isto comenta que o romancista viveu sem amor. Sem amor maternal. Sem amor de uma mulher, de uma amante ou de uma esposa. Certamente Lima Barreto mantinha um distanciamento das mulheres, mas em outros momentos mostra diversas tentativas de aproximação.

Percebe-se que o romancista em busca de prazeres, o faz em face de muitos obstáculos. Isto pode ser visto quando Afonso Henriques de Lima Barreto, ao visitar um amigo na casa da amante de seu amigo, passou horas conversando com uma moça, e depois detalhou sua silhueta, dizendo que a mesma era muito bonita. Sobre isso, diz que nunca esteve tão bem como neste encontro; estava com seus vinte e seis anos, e até então nunca havia estado com mulher de espécie alguma, de forma tão íntima, e impecavelmente a sós, mesmo quando a cerveja, a infame cerveja o embriagava e o fazia procurar as mulheres, pois nestes momentos era rápido. Sobre tais obstáculos, o relato de Lima Barreto deixa evidente que, nessa passagem, além de se ter o amigo como obstáculo, a própria bebida alcoólica vem a ser um segundo obstáculo a adiar a vivência de um encontro sexual de prazeres em sua vida dedicada ao cargo de pungência com o pai. Como ele próprio escreve:

Nessa tarde, eu, com vinte e seis anos, e ela, com vinte e quatro [anos], ainda muito lembrada da vida antiga, conversamos, das seis e meia às dez horas, inocentemente, e creio que saí com os pés ungidos de nardo, mal enxugados pelos seus lindos cabelos (BARRETO, 1908, p. 82-83).

Lima Barreto menciona que beijou por uma ou duas vezes a “E.”. Esta mulher era cunhada de “H. M.”. Nesta ocasião havia bebido muito. Escreveu que se o momento fosse propício, haveriam consumado o ato. “E.” era casada e tinha dois filhos, não era bonita, mas “tinha muita carne”, era ela sempre quem o provocava. E um dia ele foi em frente. Como diz o próprio autor, mais uma vez o obstáculo se colocava:

O que eu queria dizer é que, agora, quase um mês passado, eu não tenho nenhum interesse em continuar a aventura. Não lhe tenho amor, não me sinto atraído por ela, por isso não encontro justificativa em mim mesmo para arrastá-la, como se diz, a um mau passo (BARRETO, 1918, p. 137).

Pode-se inferir que em relação a este distanciamento que tentava manter das mulheres, está relacionado o fato de o literato não conseguir transferir afeto, como já foi argumentado anteriormente em outro momento da análise, tendo em vista como se estabeleceram as fixações em relação à mãe, ocasionado pelas quebras ou faltas de investimento de libido. Todo esse obstáculo que se estendeu aqui, colocado por Lima Barreto com relação às mulheres também, ao ver dele próprio, se estendia às pessoas. Lima Barreto relata que no Rio de Janeiro havia aportado uma esquadra americana de uns quinze navios grandes, a tripulação era composta de dezesseis mil pessoas, uns dois ou três mil já superlotavam a cidade todos os dias. Na tripulação havia italianos, alemães, turcos, negros e

mulatos, alguns eram bem postos e fortes. Lima Barreto tomou um porre e colocou em prática seu inglês, que julgava péssimo. O romancista escreve:

Observei fisionomias. Algumas lindas; nunca vi nas mais lindas mulheres brancas daqui o tom doce de uma fisionomia de marinheiro que me caiu sob os olhos. Mesmo a Cecília e as portuguesas que conheço não têm esse ar de arcanjo que o marinheiro me fez ver (BARRETO, 1908, p. 84).

Pode-se inferir que Lima Barreto, demonstra nos seus escritos que era um observador meticuloso. No que diz respeito às mulheres as observava com profundidade, mas pode ser percebido também que o romancista tinha suas observações também dirigidas para os homens. Sobre isto Fenichel (1998) diz que “as experiências infantis em que os voyeurs se fixam são cenas que tranquilizaram, cenas, por exemplo, do tipo do incidente que ocorreu com o fetichista do pé descrito por Freud” (FENICHEL, 1998, p.324) A pessoa tenta negar a justificção do seu medo “pela repetição das cenas apavoradoras com certas alterações; é um tipo de voyerismo que se baseia na ânsia de experiências encobridoras, ou seja, de experiências que se assemelhem ao original a ponto de se lhe substituírem, diferindo, porém no ponto essencial” (FENICHEL, 1998, p.325).

Assim, Lima Barreto se deixa entrever, em todo o seu Diário Íntimo, o seu modo muito pessoal de observar as pessoas, o que pode ser também considerado como um tipo de exercício aliviador de angústias. Sobre isto Fenichel (1988) diz que “os voyeurs deslocam o interesse da destruição (castração) para a contemplação, a fim de evitar sentimentos de responsabilidade e culpa; falham em geral, e a contemplação passa a ter a significação inconsciente do impulso original” (FENICHEL, 1998, p.325).

Afonso Henriques de Lima Barreto escreveu que havia coisas que ele sentia e não podia expressar. A sua melancolia, juntamente com a inconstância do seu espírito e a incredulidade, era o que o consumia, e se a descrença chegasse atingir as coisas e pessoas estranhas a ele, alcançavam também a sua “entidade”. Parecia ter grande consciência da sua dificuldade. Julgava ser fruto da sua adolescência e atribuía tal sentimento pela devida vergonha que sentia de sua casa, que foi do que mais sentiu falta. Pode-se inferir que o literato quando fala da falta que fez sua casa, remete à ausência do pai; estava vivo, mas era o mesmo que estar morto, pois a insanidade o mantinha afastado da realidade, não havia interação com a família, ou seja, não existia relacionamento interpessoal.

Barbosa (2003) relata que Lima Barreto, no tempo em que estudava no Liceu Popular, aos sábados, quando ia para casa, seu pai sempre foi atento com sua vida escolar,

cobrava-lhes as lições, ajudava-o nas tarefas. Conversava com o filho como se tivesse a mesma idade. O autor ainda acrescenta que Lima Barreto conservava por este pai, amigo e inteligente, uma grande admiração. Muito mais que no retrato do Policarpo Quaresma, quando o romancista descreve sobre o que o pai de Isaias Caminha fazia. Sobre o pai, o romancista registra “fazer-se risonho, vir para mim, sentar-se à mesa, e, à luz do lampião de querosene, explicar-me pitorescamente as lições do dia seguinte” (BARBOSA, 2003, p. 78).

Ainda que a relação com o pai parecesse ser resgatada em diversos momentos, é notória uma referencia à solidão vivida pelo literato, e como já foi dito, uma percepção dela. Lima Barreto, ele próprio diz, que ao não ter o que fazer, escreveu uma nota como uma página íntima. Percebe-se neste solilóquio que Lima Barreto refere-se a alguma percepção de si próprio. Como o próprio romancista observa:

Tanto mais íntima que é de mim para mim, do Afonso de vinte e três anos para o Afonso de trinta, de quarenta, de cinquenta anos. Guardando-as, eu poderei fazer delas como pontos determinantes da trajetória da minha vida e do meu espírito, e outro não é o meu fito (BARRETO, 1905, p. 48).

É perceptível em seu texto como Afonso Henriques de Lima Barreto escreveu muitas vezes sobre o quanto a percepção que tinha de si próprio era envolta em dificuldades, às quais não encontrava apoio em figuras externas. Pode-se inferir o quanto deve ter sido difícil, e até mesmo insuportável, ter consciência das suas dores e dificuldades pessoais que enfrentava no seu cotidiano. Relacionado a isso, Afonso Henriques de Lima Barreto descreve que desde sua infância a idéia de suicídio lhe vinha à mente. Como o literato escreveu: “Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar” (BARRETO, 1908, p. 88).

A partir deste primeiro momento, parece que sentiu a injustiça da vida e passou a ser “supersticiosamente” honesto. Até as pequenas coisas lhe pareciam crimes graves, ficando atormentado. Atribuiu este fato por viver desde criança, em colégio interno, só. O autor descreve que a segunda vez que pensou em suicídio foi no início da adolescência. Barbosa (2003) relata que nesta ocasião o romancista sentiu saudades de casa e fugiu do colégio Liceu Popular para o sítio da ilha; seu pai o repreendeu drasticamente, e estas palavras o deixaram amargurado, novamente incompreendido □ logo o pai, em quem confiava plenamente. Como o romancista escreveu: “Armei um laço numa árvore lá do sítio da ilha, mas não me sobrou coragem para me atirar no vazio com ele ao pescoço. Nesse tempo, eu me acreditava

inteligente e era talvez isso que me fazia ter medo de dar fim a mim mesmo” (BARRETO, 1908, p. 89).

Percebe-se que muitas vezes o literato tinha uma percepção de si mesmo contraditória. Por vezes se achava muito inteligente, e em outras, não. Esta percepção que fazia de si mesmo na infância perdurou também na vida adulta, bem como os pensamentos de cometer suicídio. Relatou que na maturidade não era a sua inteligência o que o impedia de se matar. Escreve: “É o hábito de viver, é a covardia, é a minha natureza débil e esperançada. Há dias que essa vontade me acompanha; há dias que ela me vê dormir e me saúda ao acordar” (BARRETO, 1908, p. 89).

Para Lima Barreto, não era só o fato de não se achar inteligente o que o deixava abatido; o que o abatia era ter perdido seus amigos, e os poucos que tinha estavam se afastando. Pode-se inferir que o fato de Lima Barreto não dar fim à sua vida era o seu objetivo maior, sua obstinação em ter ascensão como escritor, ser reconhecido publicamente, ter prestígio, até internacionalmente. Parece ter tido Lima Barreto no que ele chamou de “hábito de viver” um conjunto de reconhecimentos que suplantaram a falta de vontade de viver. Pode ser também entendido que mesmo com grandes dificuldades no contexto em que viveu, tornou possível o encontro com algum tipo de relação com objetos infantis, que deram algum suporte para suas vivências. Será visto mais à frente que o alcoolismo foi uma saída para essas dificuldades de reconhecimentos a duras penas, mas o literato tinha vontades, como relata: “Ah! Se eu alcanço realizar essa idéia, que glória também! Enorme, extraordinária e □ quem sabe? □ uma fama europeia” (BARRETO, 1905, p. 50).

Em relação ao alcoolismo, Afonso Henriques de Lima Barreto percebia que não conseguia viver sem a bebida alcoólica, esta era indispensável em sua vida e tinha a própria percepção de que não estava bem, perguntando a si próprio onde ele ia parar. Barbosa (2003) anota que o álcool passou a ser um aditivo, não conseguia mais viver sem ele. Como em alguns trechos o autor diz: “Só o Álcool me dá prazer e me tenta...” (BARRETO, 1908, p. 89).

Em outro texto, o literato registra:

Enfim, a minha situação é absolutamente desesperada, mas não me mato. Quando estiver bem certo de que não encontrarei solução, embarco para Lisboa e vou morrer lá, de miséria, de fome, de qualquer modo. Desgraçado nascimento tive eu! Cheio de aptidões, de boas qualidades, de grandes e poderosos defeitos, vou morrer sem nada ter feito. Seria uma grande vida, se tivesse feito grandes obras; mas nem isso fiz (BARRETO, 1914, p.120).

O literato, em 13 de agosto de 1914, escreve no **Diário íntimo**: “Noto que estou mudando de gênio. Hoje tive um pavor burro. Estarei indo para a loucura?” (BARRETO, 1914, p. 120).

Logo após esta percepção de si mesmo, no dia 18 do mesmo mês foi internado no hospício. Barbosa (2003) relata o depoimento do irmão do literato, quando informou que Lima Barreto ficou uma semana em bares bebendo, praticamente dia e noite, e na referida data, sentado à mesa, cismou que havia um gato muito grande debaixo desta, e mandou o irmão colocar o gato para fora. Era a sua primeira alucinação. O literato, em seguida, foi para seu quarto e não demorou muito para ter novas visões; tiveram de levá-lo à força para o hospício, onde permaneceu até 13 de setembro do mesmo ano, por abuso de álcool. O romancista se encontrava em um estado de angústia constante. O álcool passou a conduzir sua vida.

A segunda vez que Lima Barreto esteve internado no hospício foi em dezembro de 1919, ficando até início de fevereiro. Como o autor escreve: “Trataram-me bem, mas os malucos, meus companheiros, eram perigosos. Demais, eu me imiscuí muito com eles, o que não aconteceu daquela vez que fiquei de parte” (BARRETO, 1920, p. 146).

Pode-se relacionar aqui, que Lima Barreto, por ter sido acometido, com crises alucinatórias e delírios, provocadas pelo abuso de álcool, deixa questionamentos sobre ter sido uma pessoa com estruturação psicótica. No caso de Lima Barreto, suas alucinações podem ser compreendidas como aponta Nasio, (2001) para quem as “manifestações psicóticas como o delírio ou a alucinação não são efeitos imediatos de uma dada causa, mas conseqüências derivadas da luta travada pelo eu para se defender de uma dor insuportável (NASIO, 2001, p.36). Aqui se pode comentar que Lima Barreto devido ao seu sofrimento, tanto pela doença do pai, quanto pela situação financeira, bem como sua própria percepção de si mesmo em relação ao uso imoderado de álcool, forma outra realidade. Contudo, não se trata de uma realidade que se encontra a todo momento assim relacionada para o literato, mas uma realidade da qual precisa se afastar, o que no seu caso se dá pela embriaguês até as suas últimas conseqüências.

Ainda sobre questionamentos, sobre Afonso Henriques de Lima Barreto ter sido psicótico é ele próprio que se coloca em um de seus textos sobre o que o levou a usar álcool. Barbosa (2003) relata o depoimento do romancista quando escreveu que muitas causas o influenciaram a fazer uso de álcool de forma imoderada, um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica que estava sempre presente. Pensava na morte de seu pai e não possuía dinheiro para enterrá-lo; previa doenças

com tratamento caro e ele sem recursos; tinha medo de ser demitido, e ele sem conhecimentos que pudesse conseguir um trabalho digno de sua instrução. Aborrecia-se e procurava se distrair, ficava na cidade, avançava noite adentro; deste modo conheceu o chopp, o whisky, e nas noitadas amanhecia na casa de um ou de outro.

Afonso Henriques de Lima Barreto se justifica em um texto sobre o que o levou a usar álcool. Em relação a isto, Barbosa (2003) relata o depoimento do romancista quando escreveu que muitas causas o influenciaram a fazer uso de álcool de forma imoderada, um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica que estava sempre presente. Pensava na morte de seu pai e não possuía dinheiro para enterrá-lo; previa doenças com tratamento caro e ele sem recursos; tinha medo de ser demitido, e ele sem conhecimentos que pudesse conseguir um trabalho digno de sua instrução. Aborrecia-se e procurava se distrair, ficava na cidade, avançava noite adentro; deste modo conheceu o chopp, o whisky, e nas noitadas amanhecia na casa de um ou de outro.

Aqui se pode se relacionar a falta e quebras de investimento libidinal na infância, devido à mãe de Lima Barreto estar muito doente e ter havido momentos em que esta não conseguiu corresponder, pelo fato de não ter condições físicas para dar total assistência para seu filho. Ou seja, parece que o corpo da mãe, que fora sempre doente, pode ser um modo de compreensão mais vívida para os problemas e fixações na oralidade de Lima Barreto.

Pode-se inferir que Lima Barreto, na fase oral, o que Freud (1940[1938]) verificou, ou seja, que a relação da criança desde o nascimento até mais ou menos dois anos de idade é inteiramente ligada à satisfação na boca. O autor acrescenta que a experiência nesta fase em demasia ou faltante na maturidade, a pessoa teria uma personalidade com hábitos relacionados à obtenção de prazer oral, como “fumar, comer, beber e beijar”, ou seja, a relação da mãe com o corpo da criança acontece via oral.

Pode-se inferir que para fugir ou aliviar o sofrimento, Afonso Henriques de Lima Barreto, como já foi visto anteriormente, buscou na produção literária uma substituição, ou seja, sublimou. Freud (1929) ressalta que há medidas paliativas como forma de aliviar o sofrimento vivido pelo ser humano, uma delas é a satisfação substitutiva; as substâncias tóxicas são um exemplo, que fazem o ser humano ser insensível a tais sofrimentos experimentados no decorrer da vida.

Relacionado a isso, Freud faz uma relação direta entre a sublimação e sua necessidade de adições para comporem um tipo de enfrentamento ao sofrimento. De acordo Freud (1929), pode-se dizer que as satisfações substitutivas, oferecidas pela arte, são fantasias de encontro com a realidade. Entretanto, não se mostram menos eficientes no psiquismo, em

decorrência da ilusão adquirida na vida mental. As substâncias tóxicas interferem no nosso corpo e modificam a química.

Pode-se perceber que Lima Barreto, em sua produção literária, utiliza da fantasia, o que se deixa entrever nos protagonistas em várias de suas obras, e na sua própria experiência de vida, ou seja, nas suas confissões autobiográficas. Pode ser visto nos seus escritos que seu sofrimento era tão intenso que só escrever não era o suficiente para aliviar suas frustrações diante da vida, passando a usar o álcool imoderadamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Dolorosa vida a minha! Minha casa ainda é aquela dolorosa geena pra minh'alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice” (BARRETO, 1904, p. 17). Este capítulo destina-se a elucidar os resultados mais importantes alcançados neste trabalho, e tem como intuito fazer um fechamento no que diz respeito à temática principal desta pesquisa, que teve o intuito de identificar aspectos da história de vida de Afonso Henriques de Lima Barreto relativos à sua constituição como sujeito.

Neste trabalho, foi utilizado como fonte de coleta de dados o **Diário íntimo** escrito por Afonso Henriques de Lima Barreto, com apoio na biografia **A vida de Lima Barreto**, de Francisco de Assis Barbosa. Os dados coletados foram organizados, primeiramente, em temas e sub-temas, e foram eleitos os quatro principais, listados na seguinte sequência: 1) Lima Barreto, o produtor literário; 2) A vida doméstica de Lima Barreto; 3) O olhar de Lima Barreto para o cotidiano e a política, e, por fim, 4) A vida íntima de Lima Barreto. Por meio deste estudo, foi possível identificar aspectos da história de vida de Afonso Henriques de Lima Barreto, os quais possibilitaram maior aproximação na compreensão da sua constituição como sujeito.

Desta forma, foram apresentados os aspectos mais importantes identificados por meio da análise Hermenêutica. Percebeu-se que a morte de sua mãe abalou fortemente o literato, na infância bem como em toda sua trajetória de vida e obra. No entanto, pode-se verificar também a forte ligação que o literato teve com sua mãe, bem como outros acontecimentos impedindo-o de transferir afeto a qualquer outra mulher na sua infância e também na vida adulta. Ou seja, pode ser visualizada exatamente a quebra, ou que se manteve por toda a vida ligado à mesma.

Pode-se perceber também que Lima Barreto teve cortes ou quebras no investimento de libido, que supostamente refletiram na sua constituição como pessoa. Estes cortes ou quebras de libido interferiram fortemente na sua produção literária, e na produção de projetos que o romancista deixou entrever em seu **Diário íntimo**, bem como outros aspectos relacionados ao seu cotidiano. Assim, os desdobramentos da vida de Afonso Henriques de Lima Barreto são exemplares para a idéia de que o olhar para a vida psíquica de uma pessoa deve levar em conta o todo do contexto onde as cenas de uma vida se dão.

Constatou-se também que a insanidade de seu pai, quando este mal havia saído da adolescência, obrigou-o a ter responsabilidades que eram exercidas por seu pai. Tal

responsabilidade inferiu em seus projetos de vida pessoal, e um deles foi ter abandonado a sua carreira acadêmica. A doença do pai e as responsabilidades de provedor que tomou para si, juntamente com as dificuldades financeiras, deixavam-no em um constante estado de melancolia. Para esquecer, ou suportar tantos problemas, bem jovem se tornou alcoolista. O álcool usado como paliativo interferiu fortemente em sua saúde tanto biológica como psíquica. Enfim, devido ao uso imoderado de álcool, Lima Barreto foi internado por duas vezes no hospício com alterações da consciência, ou seja, teve alucinações e delírios. A partir do modo como se deu a relação de Lima Barreto com seu pai, pode-se inferir que pelo fato deste também ter feito uso de bebidas alcoólicas, para muito além de se considerar apenas uma herança genética, o modo de relacionamento de ambos nos parecem estar relacionado ao fato de Lima Barreto ter um tipo de embriagamento da relação sofrida. Mas além dos problemas, a probabilidade de herança genética.

Pode-se concluir que, por meio da leitura psicanalítica, que tem a construção da sua teoria considerando o todo da história de uma pessoa, foi possível a compreensão dos processos que remetem à constituição do sujeito. Por meio da teoria psicanalítica, houve a possibilidade de se articular com os muitos aspectos identificados na história de vida de Afonso Henriques de Lima Barreto, realizando-se o exercício de um olhar investigativo. Conclui-se que a pesquisa sobre a história de vida com base em autobiografias e biografias possibilita produzir conhecimento para psicologia em geral, ou seja, nas várias abordagens, não só para a teoria psicanalítica. Especificamente por meio da psicanálise, este estudo possibilitou uma maior compreensão sobre a constituição do sujeito. O presente estudo pode ser considerado como um modo de compreensão de processos, que são para muito além de identificar se o sujeito está vivendo no normal ou no patológico, permitem uma ampliação da compreensão de um sujeito. A isso vale relacionar que Lima Barreto parece ter apresentado, em toda a sua escrita, uma demanda para a qual não teve um interlocutor, quando apenas o reconhecimento social não foi o bastante para abrandar o sofrimento.

Assim, este estudo pode ser considerado um modo de se ampliar os conhecimentos sobre como se constitui uma pessoa, que no presente caso, por meio da psicanálise, contribui para o campo da Saúde Mental. Nesse sentido, podem ser sugeridas pesquisas que se utilizem das obras de Afonso Henriques de Lima Barreto, pois em muitas o romancista se deixa entrever ainda mais, ou seja, traz uma conotação autobiográfica em seus protagonistas. Dentre estas, podem ser consideradas as obras relacionadas na sequência, **Triste fim de Policarpo Quaresma**, **O escrívão Isaias Caminha**, o conto “O filho da Gabriela” e outros.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Marco Antonio. Hospício de doutores. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 49-63, jan./mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100004>. Acesso em: 2 set. 2009.

_____. Para mim, Paraty – Alcoolismo e loucura em Lima Barreto. **SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas**. Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, fev. 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762008000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 set. 2009.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

BARRETO, Lima. **Um longo sonho do futuro**: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. 2. ed. Rio de Janeiro: Grapfia, 1998.

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise**: introdução à psicologia psicanalítica. 4. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Imago, 1987.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DSM – IV. **Manual diagnóstico e diagnóstico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Lacan e a clínica da interpretação**. São Paulo: Hacker, 1996.

FREUD, Sigmund. Sadismo e masoquismo. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 7 [1920-1922], 2006. p. 149.

_____. Os caminhos da formação dos sintomas. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 16 [1916-1917], 1996.

_____. Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão-etilogia. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 16 [1916-1917], 1996.

_____. As cinco lições da psicanálise. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 10 [1885], 1996. p. 197-.

_____. A perda da realidade na neurose e na psicose. In.: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19 [1923-1925], 1996. p. 205-207.

_____. Uma gradação diferenciadora no ego. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 18 [1920-1922], 2006. p. 140.

_____. A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19 [1923-1925], 1996. p. 197.

_____. Neurose e psicose In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19 [1923-1925], 1996. p. 197.

_____. Esboço de Psicanálise. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19 [1923-1925], 1996. p. 167-168.

_____. A perda da realidade na neurose e na psicose. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19 [1923-1925], 1996. p. 203.

_____. Neurose e psicose. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19 [1923-1925], 1996. p. 165.

_____. A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19 [1923-1925], 1996. p. 123-124.

_____. O mal estar na civilização. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1930[1929], 1996. p. 83.

FERREIRA, Luciana da Costa. A biografia e o biografado: reflexões sobre Afonso Henriques de Lima Barreto. **Travessias**. Cascavel, ed. 5. Disponível em: <www.unioeste.br/travessias>. Acesso em: 28 ago. 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental, 2005.

_____. **Relatório de gestão (2003-2006)**. Saúde Mental do SUS. Brasília, DF, 2007.

_____. **Saúde mental e atenção básica: o vínculo e o diálogo necessários**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2009.

NASIO, Juan. David. **Os grandes casos de psicose**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PUEL, Elisia et al. **Saúde mental: transpondo as fronteiras hospitalares**. Porto Alegre: Dacasa, 1997.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Saúde mental: dimensão histórica e campos de atuação**. São Paulo: EPU, 1996.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHULTZ, P. Duane; SCHULTZ, Sydynei Ellen. **História da psicologia moderna**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

STOTZ, Maria do Rosário; CAMPOS, Gabriela Luiza. **Projeto Time da Mente**.
Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006. Disponível em:
<[http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_I
ND_3/DOSSIE_FORUM_Pg_47_55.pdf](http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_I
ND_3/DOSSIE_FORUM_Pg_47_55.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2009.